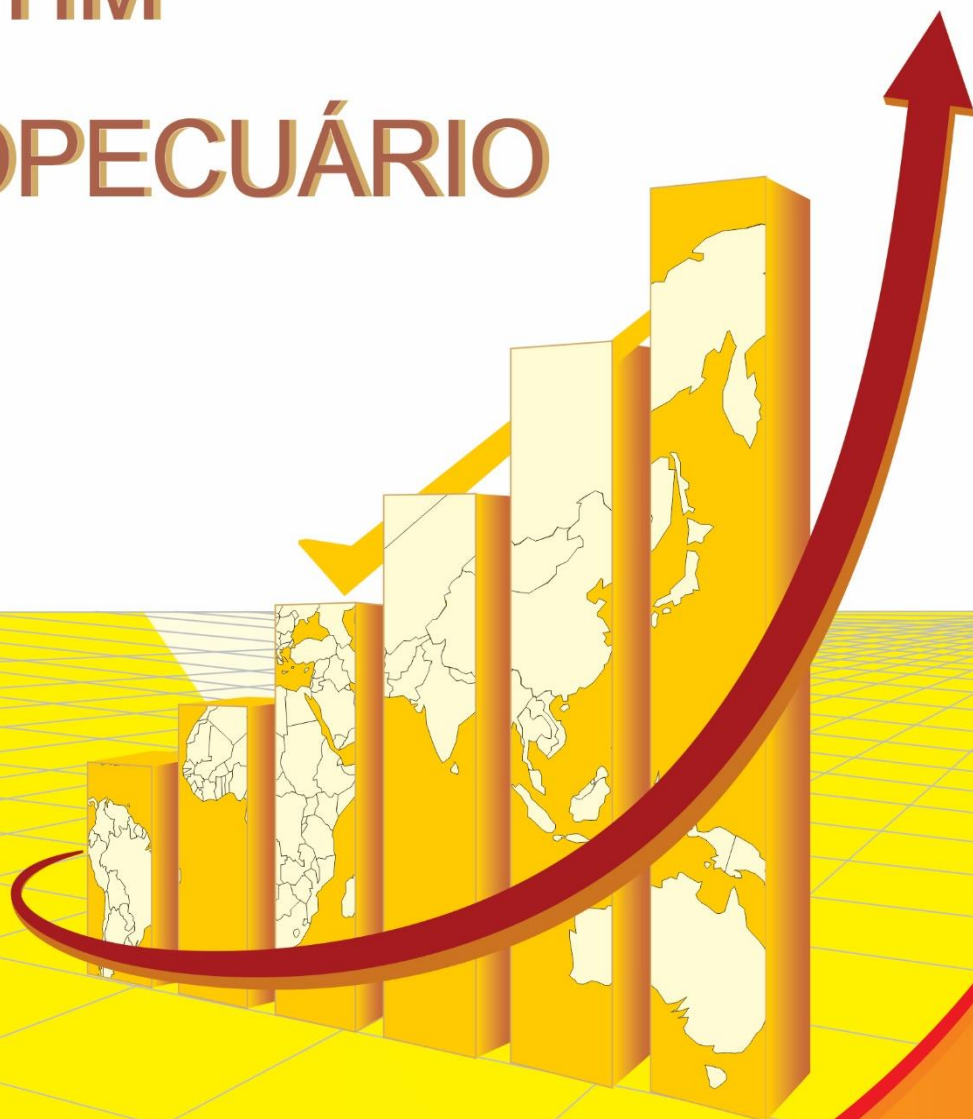


BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado
Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Altair Silva

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação



ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (on-line)

DOCUMENTOS Nº 339

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl

Haroldo Tavares Elias

João Rogério Alves

Jurandi Teodoro Gugel

Rogério Goulart Junior

Tabajara Marcondes



Florianópolis
2021

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes

Revisão técnica: Antonio M. Feliciano/Dilvan L. Ferrari/Janice M. W. Reiter/Luis Augusto Araujo/Luiz Carlos Mior

Colaboração:

Bruna Parente Porto

Carlos Koji Kato

Claudio Luis da Silveira

Cleverson Buratto

Édila Gonçalves Botelho

Evandro Uberdan Anater

Getúlio Tadeu Tonet

Gilberto Luiz Curti

Nilsa Luzzi

Orlando Fuchs

Saturnino Claudino dos Santos

Sidaura Lessa Graciosa

Edição: maio de 2021 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. **Boletim Agropecuário**. Maio/2021. Florianópolis, 2021, 49p. (Epagri. Documentos, 339).

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019 passou a integrar a série Documentos com numeração própria. Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (*on-line*)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

Sumário

Fruticultura.....	7
Banana	7
Grãos.....	10
Arroz	10
Feijão	12
Milho.....	15
Soja	19
Trigo.....	23
Hortaliças	26
Alho.....	26
Cebola	30
Pecuária.....	33
Avicultura	33
Bovinocultura	38
Suinocultura	41
Leite	47

Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

Considerando a evolução das cotações nos últimos dois meses e o aumento na oferta da fruta de outras regiões do país no mercado local e regional, no estado catarinense os valores das cotações foram reduzidos significativamente, ficando próximos aos custos de produção, principalmente da banana-caturra.

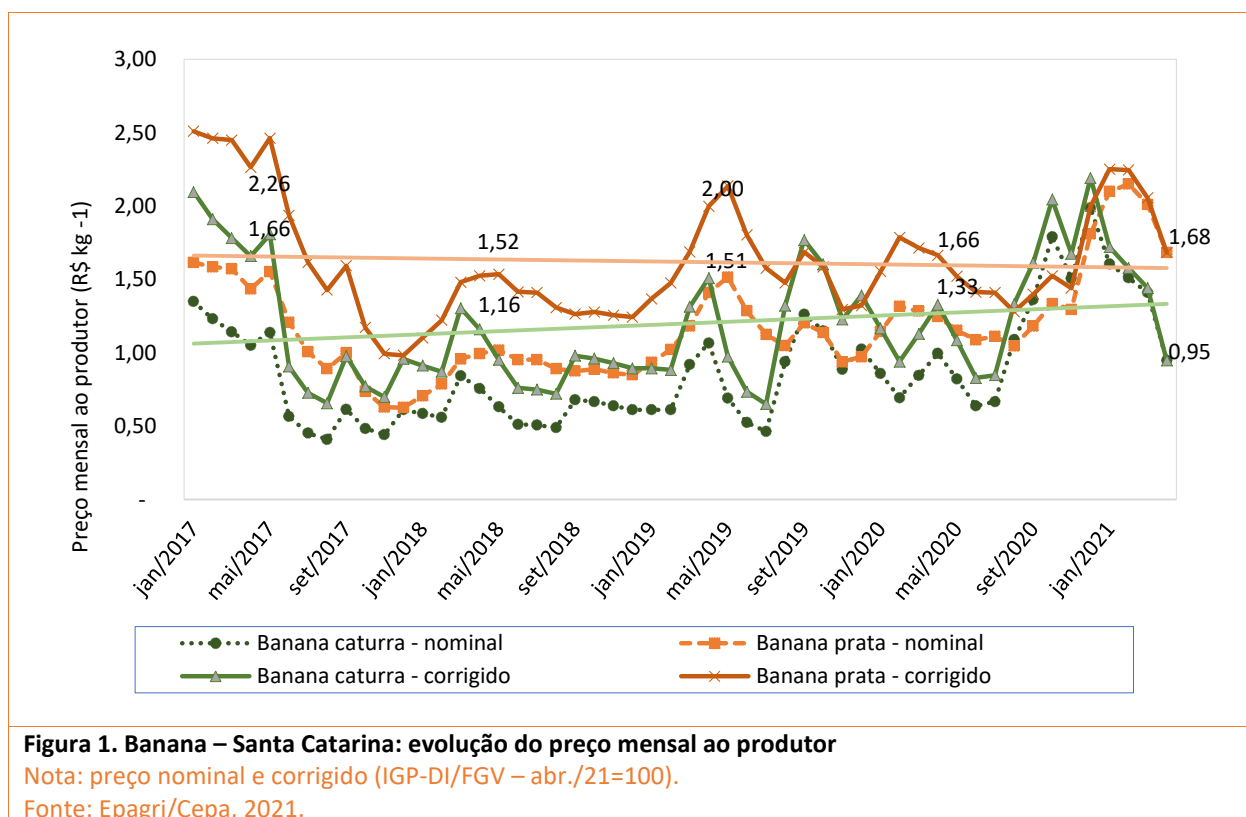


Figura 1. Banana – Santa Catarina: evolução do preço mensal ao produtor

Nota: preço nominal e corrigido (IGP-DI/FGV – abr./21=100).

Fonte: Epagri/Cepa, 2021.

Entre março e abril de 2021 houve desvalorização de 34,3% nas cotações da banana-caturra, mesmo assim, houve melhora das cotações médias do 1º quadrimestre de 2021 em relação ao mesmo período do ano anterior, com valorização de 24,6%. Já, o preço mensal de abril de 2021 está desvalorizado 28,7% em relação ao mesmo mês do ano anterior e 37,2% ao mesmo período do ano de 2019. A estratégia é direcionar parte da produção para exportações ganho cambial, devido ao dólar valorizado perante o real, e para reduzir oferta interna e pressionar a valorização das cotações da banana-caturra no mercado.

Sobre a banana-prata, entre os meses de março e abril de 2021, houve desvalorização de 18,2% nas cotações, constatamos melhora das cotações médias do 1º quadrimestre de 2021 em relação ao mesmo período do ano anterior, com valorização de 22,6%. O preço mensal de abril de 2021 está valorizado 1,1% em relação ao mesmo mês do ano anterior, mas, desvalorizado 15,8% ao mesmo mês do ano de 2019. A expectativa é o aumento da demanda relativa do grupo com a melhoria na qualidade da fruta nos próximos meses.

Tabela 1. Banana – Santa Catarina: preço médio ao produtor (R\$.kg ⁻¹) nas principais praças					
Praça	Mês				Var. (%) Abr./Mar.21
	Jan./2021	Fev./2021	Mar./2021	Abr./2021	
Jaraguá do Sul					
Caturra	1,40	1,28	1,29	0,50	-60,8
Prata	2,01	2,08	1,83	1,27	-30,4
Sul Catarinense					
Caturra	1,81	1,76	1,53	1,23	-20,0
Prata	2,19	2,17	2,19	1,88	-14,1

Nota: Valores em R\$/cx. 20 a 22 kg transformados em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban, maio de 2021.

No Norte Catarinense, entre março e abril o clima se manteve seco, com temperaturas entre amenas e quentes e pouca incidência de chuvas na região, cuja média ficou acima de 40mm apenas na última semana de março. No início de abril houve aumento na floração e cachos nos bananais o que deve refletir em recuperação de parte da produção entre junho e julho, caso as temperaturas se mantenham acima da média histórica nos próximos meses. As cotações nos dois grupos foram desvalorizadas devido a oferta limitada e demanda interna abaixo das dos últimos anos e concorrência de frutas de outras regiões do país no principais mercados.

No Sul Catarinense, na penúltima semana de abril houve chuva entre 40 e 89 mm, mas há pouca incidência de chuva no período de março a abril. Os preços da banana-prata estão desvalorizados devido a concorrência com outras frutas da estação (tangerina, maçã e outras) e a baixa cotação da banana-caturra no mercado com redução na demanda pela fruta. A expectativa é a recuperação dos preços com aumento da demanda interna e redução de restrições sanitárias e econômicas no final do ano, com avanço da vacinação nos grandes centros consumidores.

Tabela 2. Banana – Santa Catarina: preço médio no atacado (R\$.kg ⁻¹) na Ceasa/SC					
Praça	Mês				Var. (%) Abr./Mar.2021
	Jan./2021	Fev./2021	Mar./2021	Abr./2021	
Florianópolis (Ceasa)					
Caturra	1,96	2,26	2,14	2,00	-6,7
Prata	2,86	3,45	3,33	2,74	-17,9
Jaraguá do Sul					
Caturra	2,40	2,33	2,17	1,58	-27,1
Prata	3,01	3,33	3,09	2,40	-22,2
Sul Catarinense					
Caturra	2,48	2,42	2,20	2,05	-6,9
Prata	3,33	3,31	3,30	2,85	-13,9

Nota: Valores em R\$ por cx. 18 a 20 kg transformados em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban, maio de 2021.

As cotações no mercado atacadista, nas praças catarinenses, refletem a desvalorização devido a concorrência de bananas de outras regiões do país e outras frutas da estação. Na central de abastecimento estadual a banana-caturra apresentou menor desvalorização devido ao aumento da demanda relativa em função dos preços elevados da banana-prata no mercado. E ainda, a manutenção da baixa oferta da fruta catarinense a partir de julho de 2020 com os efeitos do ciclone nos bananais e redução da comercialização devido as restrições sanitárias e econômicas.

No primeiro quadrimestre de 2021, o volume brasileiro exportado de banana foi de 33.707 toneladas com taxa de crescimento anual de 19,2%, entre 2018 e 2021; mas com variação negativa de 5,0% entre 2020 e 2021. No ano de 2021, o valor das exportações nacionais da fruta foi de US\$ 11,9 milhões (FOB), com crescimento de 11,5% nos primeiros quatro meses do último biênio. Em 2021, Santa Catarina participou com 34,9% do volume exportado com redução de 20,7% em relação ao ano anterior. Com valor negociado de

US\$ 3,9 milhões, em 2021, o estado catarinense apresentou taxa anual negativa de 5,9%, entre 2018 e 2021, nos primeiros quatro meses do ano, e crescimento de 7,5% entre 2021 e 2020.

Tabela 3. Banana – Brasil: preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹)⁽¹⁾ nas principais praças

Praça	Mês			Variação (%) Abr./Mar. 2021
	Mar./2021	Abr./2021	Mai./2021 ⁽²⁾	
Bom Jesus da Lapa (BA)				
Nanica	1,41	0,77	0,48	-45,4
Prata	2,30	2,23	1,58	-3,0
Norte de Minas Gerais (MG)				
Nanica	1,38	0,76	0,47	-44,9
Prata	2,26	2,23	1,60	-1,3
Vale do Ribeira (SP)				
Nanica	1,59	1,00	0,75	-37,1
Prata	2,20	1,95	1,71	-11,4
Vale do São Francisco (BA e PE)				
Nanica
Prata	1,91	1,89	1,60	-1,0

⁽¹⁾Preço médio mensal em R\$.kg⁻¹.

⁽²⁾Preço médio até 15 de mai./2021.

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de CEPEA/Esalq/USP.

Em março, a oferta nas regiões foi reduzida com os efeitos da estiagem. As restrições na comercialização nas grandes centrais do país reduziram a demanda relativa junto com a entrada de frutas da estação concorrentes da fruta nesta época do ano. No Nordeste e estiagem afetou a qualidade das frutas em março e início de abril, reduzindo os preços negociados e a demanda. No Sudeste as restrições de controle da pandemia afetaram a comercialização em mercados locais e atacadistas. A redução da demanda e as baixas cotações da banana-nanica afetam os preços de mercado da banana-prata. A tendência em maio é a manutenção das cotações desvalorizadas da fruta no mercado nacional e escoamento de parte da produção para exportações com câmbio favorável e menor oferta de frutas do Equador no mercado externo devido eventos adversos de clima e ações vulcânicas.

Tabela 4. Banana: Santa Catarina – Comparativo da estimativa de 2019/20 e 2020/21

Microrregiões	Estimativa 2019/20			Estimativa 2020/21			Variação (%) 2019-2020		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha ⁻¹)	Área colhida	Produção	Rend. médio
Blumenau	4.311	139.525	32.368	4.425	96.278	21.758	2,64	-31,00	-32,78
Itajaí	3.574	120.048	33.585	3.587	71.008	19.796	0,36	-40,85	-41,06
Joinville	12.972	385.327	29.703	12.931	223.256	17.265	-0,32	-42,06	-41,87
São Bento do Sul	347	7.052	20.345	523	9.969	19.061	50,72	41,36	-6,31
Araranguá	5.220	61.268	11.737	5.332	58.872	11.041	2,15	-3,91	-5,93
Criciúma	1.285	19.506	15.176	1.294	20.334	15.714	0,70	4,24	3,55
Tubarão	100	1.189	11.851	131	1.056	8.061	31,00	-11,19	-31,98
Total	27.810	733.915	26.391	28.223	480.773	17.035	1,49	-34,49	-35,45

Fonte: Epagri/Cepa (maio. 2021).

Grãos

Arroz

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Os preços do arroz no mercado brasileiro se mantiveram firmes no mês de abril. Em Santa Catarina, os preços médios pagos ao produtor recuaram 0,2% em relação a março, fechando o mês em R\$87,50/saca de 50 kg. No mercado gaúcho, foi observada uma pequena alta de 0,05%, fechando em R\$87,03 a saca de 50 kg. Na comparação dos últimos 12 meses, em Santa Catarina, os preços de abril ficaram, em termos reais, 28,15% acima daqueles praticados há um ano. Considerando a época do ano, os preços praticados em abril foram bastante satisfatórios aos produtores de arroz.

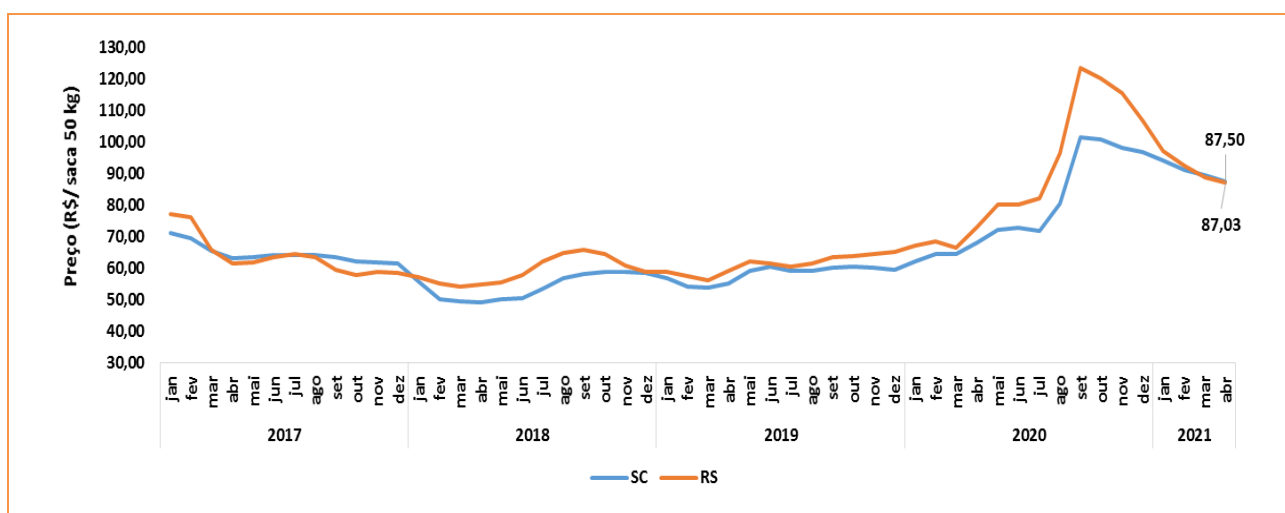


Figura 1. Arroz irrigado: evolução do preço médio real mensal ao produtor – SC e RS (Janeiro/2017 a Abri/I2021)

Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (base abril/2021).

Fonte: Epagri/Cepa (SC) e Cepea (RS), maio/2021.

Safra

Segundo dados da Conab, a safra brasileira de arroz 2020/21, foi cultivada numa área total de 1.688,3 mil hectares, incremento de 1,4%. Mesmo com esse aumento de área plantada, a previsão é que sejam colhidos aproximadamente 11,1 milhões de toneladas, volume que representa uma redução de 0,8% em relação à safra anterior. A produtividade média foi 2,1% menor do que a alcançada na safra passada.

A colheita do arroz no estado está tecnicamente encerrada. Até a presente data, nossas estimativas apontam para o cultivo de 149.448 hectares do cereal em todo estado, mantendo praticamente inalterada a área cultivada em comparação a safra passada. Quanto à produção é esperada a colheita de 1.254.139 toneladas de arroz, volume 5,85% menor do que foi colhido em 2020. Essa safra menor é resultado sobretudo da redução na produtividade média, que deverá ficar em cerca de 7.900kg/ha, contra os 8.391kg/ha obtidos na safra 2019/20.

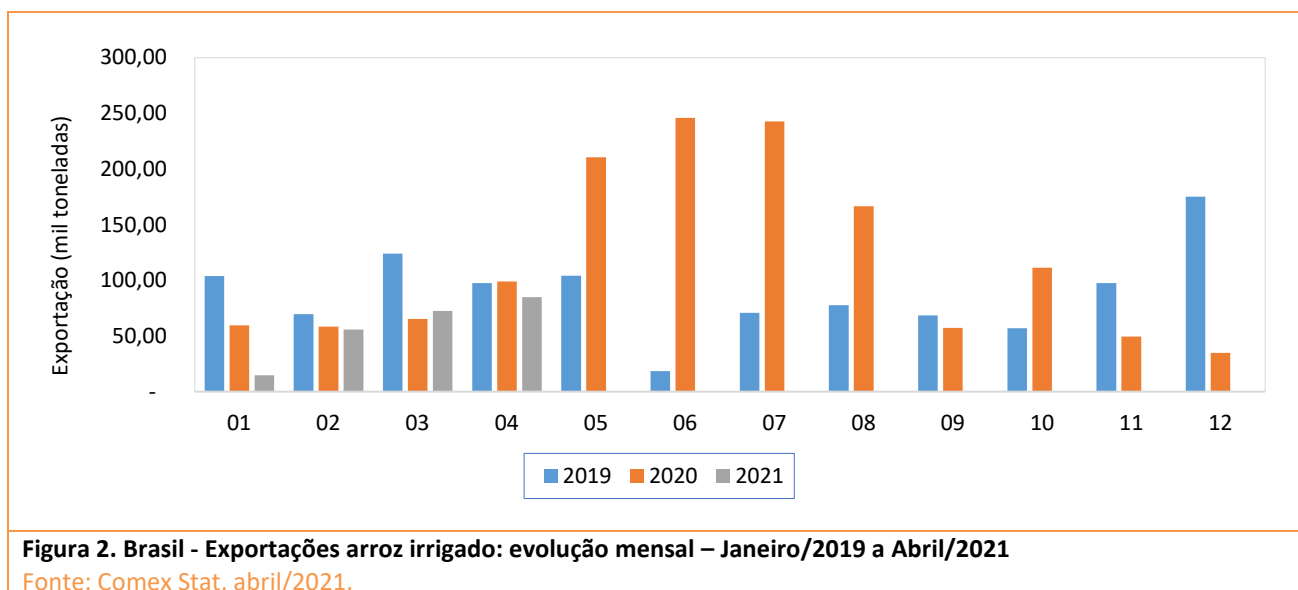
Vale lembrar que na safra 2019/20, a produtividade média obtida foi superior às observadas nos anos anteriores, especialmente na Região Sul do estado, graças a uma conjunção de fatores como distribuição das chuvas, luminosidade adequada, uso de cultivares de alto potencial produtivo e incremento tecnológico.

Tabela 1. Arroz irrigado - Santa Catarina: comparativo das safras 2019/20 e 2020/21

Microrregião	Safrá 2019/20			Estimativa Inicial - Safrá 2020/21			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Prod.	Produt.
Araranguá	58.848	504.920	8.580	58.848	454.033	7.715	0,00	-10,08	-10,08
Blumenau	7.101	63.364	8.923	7.116	62.977	8.850	0,21	-0,61	-0,82
Criciúma	21.828	191.178	8.758	21.830	168.701	7.728	0,01	-11,76	-11,76
Florianópolis	1.902	11.783	6.195	1.895	12.112	6.392	-0,37	2,79	3,18
Itajaí	9.478	74.451	7.855	9.446	76.607	8.110	-0,34	2,90	3,25
Ituporanga	171	1.503	8.790	171	1.539	9.000	0,00	2,40	2,39
Joinville	18.226	150.295	8.246	18.226	150.067	8.234	0,00	-0,15	-0,15
Rio do Sul	10.668	89.466	8.386	10.696	92.625	8.660	0,26	3,53	3,26
Tabuleiro	132	739	5.598	132	878	6.650	0,00	18,78	18,79
Tijucas	2.164	16.201	7.486	2.164	15.780	7.292	0,00	-2,60	-2,59
Tubarão	18.940	150.239	7.932	18.941	145.465	7.680	0,01	-3,18	-3,18
Santa Catarina	149.458	1.254.139	8.391	149.465	1.180.785	7.900	0,00	-5,85	-5,85

Fonte: Epagri/Cepa, maio/2021

As exportações de arroz no primeiro quadrimestre desse ano, foram 19,4% menor que no mesmo período do ano passado. A expectativa da Conab é que em 2021 se estabeleça um equilíbrio entre volume exportado e importado, em torno de 1,1 milhão de toneladas. Isso deve ocorrer em função da projeção de preços elevados, somada à estimativa de fortalecimento da moeda nacional. Ainda segundo a Conab, em 2021 é esperada uma recuperação dos estoques de passagem (+18,5%) como resultado, principalmente, de uma projeção de retração do consumo.


Figura 2. Brasil - Exportações arroz irrigado: evolução mensal – Janeiro/2019 a Abril/2021

Fonte: Comex Stat, abril/2021.

Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Em abril, o preço médio pago para produtores catarinenses de feijão-carioca, para a praça de referência de Joaçaba, SC, recuou 14,62% em relação a março, fechando em R\$240,09/saca de 60 kg. Para os produtores paranaenses, também foi observada queda nos preços médios mensais na ordem de 6,66%. Mato Grosso do Sul e Goiás registraram queda no preço médio mensal de 3,85% e 5,94%, respectivamente. No mercado catarinense, os preços do feijão-preto recuaram 4,51% em relação a março, fechando a média mensal para a praça de referência de Canoinhas em R\$267,37/saca de 60 kg.

No mercado atacadista paulista, destino de boa parte da produção nacional da leguminosa, as negociações seguiram em ritmo lento durante o mês de abril. A má qualidade dos grãos, os preços elevados e a falta de interesse de compras pelo setor varejista contribuíram para a desvalorização do produto. Mesmo com os estoques do mercado varejista em baixa, as negociações ocorreram de forma pontual, com compradores aguardando a oferta de produto de melhor qualidade e com preços mais atrativos.

Segundo a Conab, a expectativa do mercado é que seja ofertado para venda, produto de melhor qualidade com o avanço das colheitas de feijão 2ª safra na Região Sul do país. No próximo mês, o mercado passará a contar com a produção proveniente dos estados das Regiões Centro-Oeste e Sudeste do país. O mercado trabalha com um quadro de oferta muito ajustado e com as incertezas do fator clima e da menor oferta no Sul do país, a expectativa é que os preços continuem elevados.

O comportamento do mercado atacadista de feijão segue em ritmo calmo. Segundo a Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP), que é a principal balizadora nacional de preços no mercado atacadista, para o último dia 12/05/21, o preço médio da saca de 60kg do feijão-carioca extra novo (9,5) ficou cotado a R\$252,50, o feijão-carioca extra (9,0) ficou em R\$242,50 e o feijão-carioca especial (8,5) ficou cotado a R\$232,5. Já o feijão-preto extra e o feijão-preto especial, saca de 60 kg, foram cotados a R\$245,00 e R\$225,00, respectivamente.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Abril/21	Março/21	Var. mensal (%)	Abril/20	Var. Anual (%)
Santa Catarina⁽¹⁾	Feijão-carioca	240,00	281,09	-14,62	270,50	-11,28
Paraná		264,14	282,98	-6,66	304,17	-13,16
Mato Grosso do Sul		277,79	288,92	-3,85	329,04	-15,58
Bahia		262,73	269,35	-2,46	277,50	-5,32
São Paulo		295,00	290,65	1,50	296,61	-0,54
Goiás		259,30	275,68	-5,94	299,52	-13,43
Santa Catarina⁽²⁾	Feijão-preto	267,37	280,00	-4,51	168,67	58,52
Paraná		255,71	285,84	-10,54	191,13	33,79
Rio Grande do Sul		267,82	309,09	-13,35	177,16	51,17

⁽¹⁾Feijão-carioca: praça referência Joaçaba, SC.

⁽²⁾Feijão-preto: praça referência Canoinhas, SC.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, BA, SP, GO e RS), maio/2021.

Safra Catarinense

Feijão 1ª safra

A colheita de feijão 1ª safra está tecnicamente encerrada em Santa Catarina, com produtividade média de 1.686 kg/ha, ou seja, 4% menor do que a alcançada na safra passada. Nessa safra, a área plantada também diminuiu, com uma redução de 9%. Os motivos já são conhecidos, no início da safra a estiagem que perdurou até a primeira quinzena de dezembro de 2020 prejudicou o desenvolvimento das lavouras de feijão em todo estado. Num segundo momento, a partir da segunda quinzena de dezembro até final de janeiro, o excesso de chuvas atingiu muitas lavouras no período de maturação e colheita. O resultado foi uma safra menor, com um volume de produção 12% inferior ao obtido na safra anterior.

É importante destacar que para as lavouras plantadas mais cedo, o produto colhido apresentou problemas de qualidade. Foram inúmeros os registros de lavouras com grãos de feijão brotados na vagem e ocorrência de ataques severos de pragas e doenças. Já para as lavouras colhidas mais tardiamente, que são tradicionalmente cultivadas nas Microrregiões Geográficas de Campos de Lages, Joaçaba e Curitibanos, as lavouras apresentaram melhor produtividade e qualidade do produto colhido.

Tabela 2. Feijão 1ª – Comparativo de safra 2019/2020 e 2020/2021

Microrregião	Safra 2019/2020			Estimativa Safra 2020/2021			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produtividade
Araranguá	54	50	926	53	51	959	-2	2	4
Campos de Lages	7.530	8.375	1.112	6.500	12.772	1.965	-14	53	77
Canoinhas	6.200	14.420	2.326	7.450	8.287	1.112	20	-43	-52
Chapecó	2.208	4.585	2.077	1.772	1.993	1.125	-20	-57	-46
Concórdia	411	642	1.562	385	245	635	-6	-62	-59
Criciúma	675	778	1.153	682	793	1.163	1	2	1
Curitibanos	4.780	8.505	1.779	4.310	10.146	2.354	-10	19	32
Florianópolis	12	7	542	15	15	1.000	25	114	85
Ituporanga	1.010	1.628	1.612	930	1.650	1.774	-8	1	10
Joaçaba	2.369	3.435	1.450	2.885	5.113	1.772	22	49	22
Rio do Sul	596	965	1.618	558	927	1.662	-6	-4	3
São Bento do Sul	600	1.200	2.000	600	643	1.072	0	-46	-46
São M. do Oeste	825	1.669	2.023	775	992	1.280	-6	-41	-37
Tabuleiro	376	451	1.200	371	370	997	-1	-18	-17
Tijucas	166	172	1.033	180	219	1.214	8	27	18
Tubarão	773	963	1.246	767	958	1.249	-1	0	0
Xanxerê	7.384	15.047	2.038	4.594	10.170	2.214	-38	-32	9
Santa Catarina	35.969	62.891	1.748	32.827	55.344	1.686	-9	-12	-4

Fonte: Epagri/Cepa (SC), maio/2021.

Feijão 2ª safra

O plantio do feijão 2ª safra catarinense teve início em janeiro, mas em função do excesso de chuvas a maior concentração de plantio ocorreu a partir de fevereiro. Neste momento, cerca de 6,2% da área plantada já foi colhida. Para as lavouras que estão à campo, 62,8% da área encontra-se em fase de maturação e 37,2% já alcançou a floração.

Quanto à condição de lavoura, em comparação ao mês anterior, a falta de chuvas agravou a situação. Até a primeira semana de maio, 50,12% das lavouras apresentavam condição boa, 25,44% foram consideradas em condição média e 24,44% em condição ruim.

No panorama regional, para a região Sul do estado, as condições climáticas seguem favoráveis à cultura, que vem apresentando bom desenvolvimento e já atingindo a floração para a maioria das lavouras. Na região do Alto Vale do Rio Itajaí, a colheita já ultrapassa 10% da área plantada. Já é possível afirmar que em

função da estiagem e do ataque de mosca branca, a produtividade média das lavouras ficará comprometida. Já na região de Canoinhas e São Bento do Sul, a falta de chuvas desde o final do mês de março e durante o mês de abril afetou as áreas em plena fase de floração e enchimento de grãos. As primeiras áreas colhidas tem apresentado produtividades satisfatórias, mas tudo indica que as lavouras colhidas mais tarde terão expressivas reduções de produtividade.

Nas regiões Oeste e Extremo Oeste, a falta de chuvas consistentes agravou a situação das lavouras nos últimos 30 dias. O déficit hídrico tem acelerado a maturação das plantas e a redução do desenvolvimento das mesmas, bem como provocado o abortamento de flores e a redução do número de grãos por vagem. Como a maior parte das áreas de feijão já está se encaminhando para colheita, em muitas propriedades as perdas já estão consolidadas.

No mês de abril, tivemos muitos ajustes em relação a nossas estimativas de área plantada, produção e produtividade. Muitos produtores, em função dos problemas de estiagem na primeira safra, resolveram apostar no plantio de feijão segunda safra, sobretudo pelos bons preços praticados desde o ano passado e por se tratar de uma cultura de ciclo curto (3 meses), o que permite aos produtores cultivarem uma segunda lavoura de verão, antes da ocorrência das primeiras geadas do outono/inverno.

Com isso tivemos um aumento nas nossas estimativas para o feijão 2ª safra. A expectativa até o momento é que sejam cultivados cerca de 16,5 mil hectares, um crescimento de 7% em relação à safra anterior. A produtividade média deverá crescer cerca de 23%. Com isso, a produção poderá chegar a 41,3 mil toneladas, crescimento de 31% em relação ao volume colhido na safra passada.

Tabela 3. Feijão 2ª – Comparativo de safra 2019/2020 e 2020/2021

Microrregião	Safra 2019/2020			Estimativa Safra 2020/2021			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produtividade
Araranguá	602	368	611	602	366	609	0	0	0
Canoinhas	1.220	951	780	2.510	1.782	710	106	87	-9
Chapecó	2.294	3.322	1.448	3.001	4.972	1.657	31	50	14
Concórdia	85	170	2.000		704				
Criciúma	2.416	1.707	707	1.010	704	697	-58	-59	-1
Ituporanga	1.265	1.331	1.052	1.070	1.466	1.370	-15	10	30
Rio do Sul	521	445	855	468	576	1.231	-10	29	44
São Bento do Sul	60	39	650	100	69	690	67	77	6
São M. do Oeste	2.065	2.058	997	1.601	2.099	1.311	-22	2	32
Tubarão	1.181	780	661	1.181	778	659	0	0	0
Xanxerê	13.005	20.287	1.560	14.915	28.474	1.909	15	40	22
Santa Catarina	24.714	31.459	1.273	26.458	41.286	1.560	7	31	23

Fonte: Epagri/Cepa (SC), maio/2021.

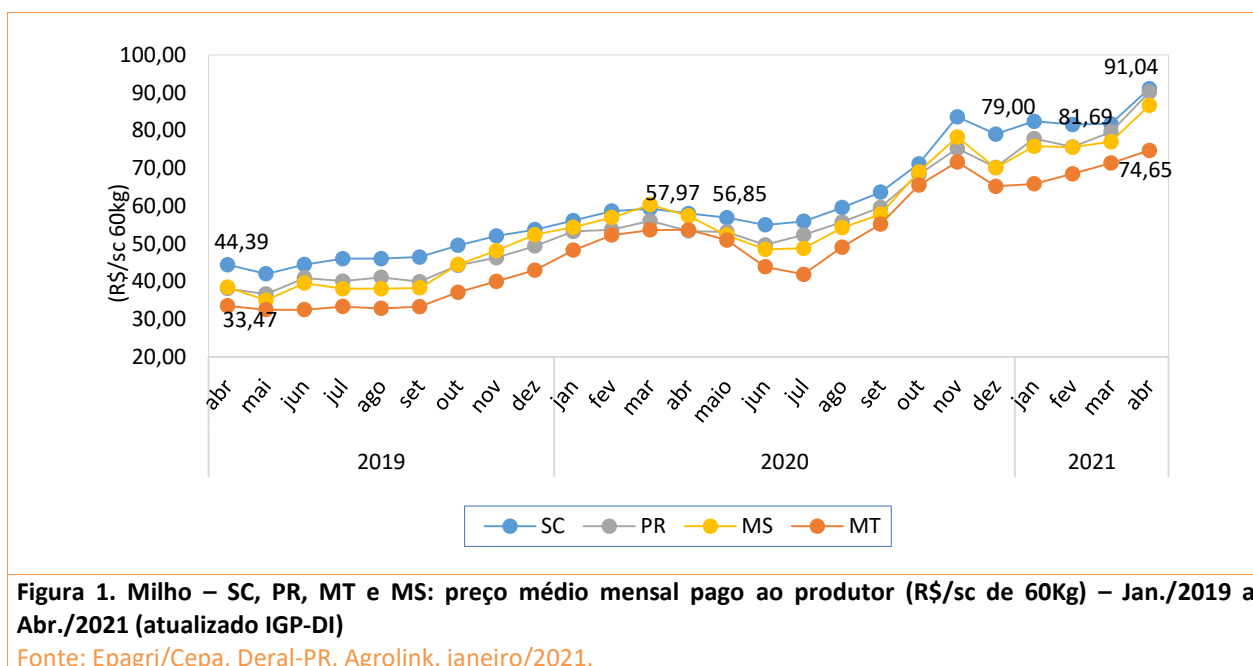
Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em Santa Catarina os preços do milho se mantêm em patamares elevados, com cotações ao produtor em R\$ 91,04/sc na média mensal de abril (Figura 1). Nos demais estados, os valores seguiram a mesma trajetória no período. O mercado de milho está se consolidando em um novo padrão de preços, com maior impacto do mercado internacional na definição das cotações. **Entre os fatores que continuam influenciando a alta** dos preços estão o risco climático para a segunda safra no Brasil que já afeta o potencial da produção, o também risco climático da safra dos EUA, a desvalorização do real e a demanda da China. **Como fatores que podem influenciar na baixa** estão o aumento da área cultivada nos Estados Unidos, a valorização do real e a viabilização das importações com a prorrogação da suspensão da Tarifa Externa Comum (TEC) até fim do ano¹.

- O suprimento deverá ser ajustado à demanda até o final do primeiro semestre de 2021 o que deverá impulsionar as importações.
- Os preços devem se manter elevados no Brasil até julho, quando entra a segunda safra, que representa cerca de 70% do total da produção.

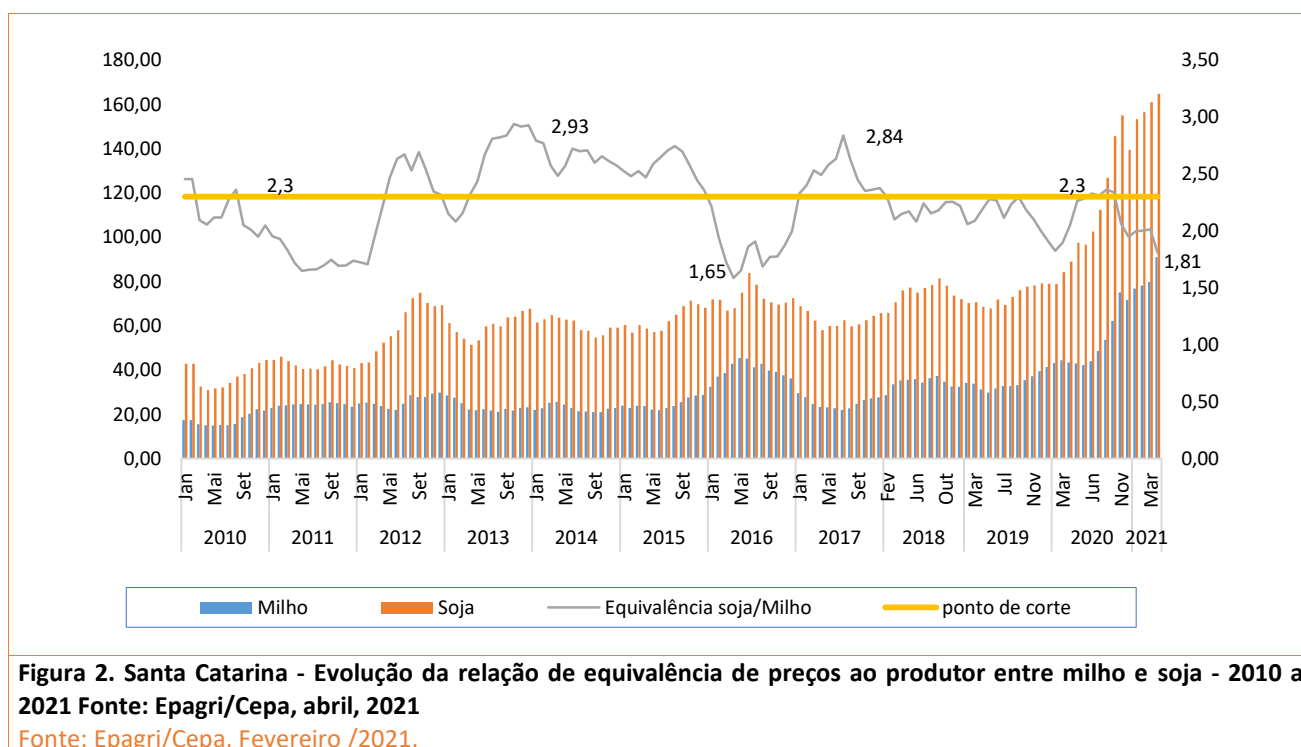


Equivalência de preços milho x soja

A análise da equivalência de preços entre milho e soja auxilia o produtor na tomada de decisão de plantio entre as duas commodities (Figura 2). Em Santa Catarina, considerando os custos de produção e o retorno econômico proporcionado pelas duas culturas, quando a relação de troca soja/milho é ao menos que 2,3, o

¹ Valor Econômico Agronegócios. <https://valor.globo.com/agronegocios/noticia/2021/04/20/gecex-formaliza-suspensao-de-taxas-de-importacao-de-soja-e-milho.ghtml>

plantio da soja é favorável. Quando a relação é menor que esta, o milho ganha competitividade. No período de 2012 a 2015 (*boom das commodities*) e, em 2017, a relação foi favorável à soja, pois os preços do milho se mantiveram abaixo de R\$30,00 (preços nominais) por vários meses. Estoques baixos e forte demanda nas exportações de milho contribuíram para a elevação dos preços internos no final de 2020. Já, em 2021, o preço do cereal se mantém fortalecido, diminuindo a relação para 1,8 no mês de abril, tornando-o assim mais competitivo. No entanto, considera-se ainda que outros fatores pesem na decisão do produtor, sobretudo a sensibilidade da cultura a estresses ambientais e biológicos.



Acompanhamento da safra 2020/2021 em Santa Catarina

A irregularidade climática e a ocorrência de fatores biológicos marcam a atual safra. A estiagem prolongada em setembro e outubro de 2020 e ataque de cigarrinha com o complexo de doenças associado, no início de 2021, ocasionaram perdas superiores a 32% na produção esperada. O prognóstico inicial que estava em 2,9 milhões de toneladas, diminuiu no atual relatório, para 1,86 milhões, o que significa uma redução superior a um milhão de toneladas somente na primeira safra. As estimativas das perdas são diferenciadas entre as microrregiões do estado, sendo que Chapecó e São Miguel do Oeste registram as maiores reduções no rendimento e produção total. O acompanhamento de safra, realizado pela Epagri/Cepa, atualiza mensalmente as informações da área, produção e rendimento de milho em cada município que compõe as estimativas regional e estadual (Tabela 1). Até o fechamento da safra, em junho, os números poderão sofrer alterações.

Em relação a segunda safra, estimada inicialmente em 25,2 mil hectares, foi reduzida no relatório atual para 23,7 mil hectares. Mesmo assim, a área da segunda safra teve um incremento de cerca de 80% quando comparada ao ano de 2020 (Infoagro,2021). Muitos produtores na tentativa de recuperar a produção perdida na primeira safra, ampliaram a área de cultivo. No entanto, novamente a estiagem em abril está causando redução na produtividade, de 6,1 t/ha inicialmente estimada para 3,7 t/ha (Tabela 2) no atual relatório.

Tabela 1. Milho – Santa Catarina: estimativas da produtividade média estadual (inicial – setembro de 2020), e abril/2021

MRG	Safr 2020/21 – Inicial			Safr 2020/21 – Atual			Variação %		
	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quantidade (t)	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quantidade (t)	Área	Quant.	Produtividade
Araranguá	7.759	6.716	52.112	7.759	6.191	48.039	0,00	-7,81	-7,81
Blumenau	1.815	4.669	8.474	1.865	4.367	8.145	2,75	-6,46	-3,89
Campos de Lages	31.910	6.910	220.510	34.520	6.346	219.050	8,18	-8,17	-0,66
Canoinhas	31.900	10.065	321.060	33.000	8.504	280.630	3,45	-15,51	-12,59
Chapecó	43.920	8.989	394.797	43.469	3.881	168.696	-1,03	-56,83	-57,27
Concórdia	22.650	7.561	171.266	13.170	4.440	58.480	-41,85	-41,28	-65,85
Criciúma	7.086	6.901	48.900	7.086	6.531	46.280	0,00	-5,36	-5,36
Curitibanos	26.065	10.424	271.710	27.065	7.266	196.664	3,84	-30,29	-27,62
Florianópolis	6	3.333	20	5	3800	19	-16,67	14,00	-5,00
Ituporanga	10.550	7.418	78.260	10.550	7.196	75.919	0,00	-2,99	-2,99
Joaçaba	65.790	8.922	586.972	66.715	4.811	320.935	1,41	-46,08	-45,32
Joinville	356	5.529	1.968	326	5.661	1.845	-8,43	2,38	-6,25
Rio do Sul	18.780	7.210	135.398	18.830	7.091	133.526	0,27	-1,64	-1,38
São B.do Sul	3.700	9.365	34.650	3.700	7.630	28.230	0,00	-18,53	-18,53
São M. do Oeste	28.958	8.472	245.324	16.821	3.633	61.109	-41,91	-57,12	-75,09
Tabuleiro	2.410	5.826	14.040	2.410	4.788	11.540	0,00	-17,81	-17,81
Tijucas	1.855	5.046	9.360	1.855	4.755	8.820	0,00	-5,77	-5,77
Tubarão	5.015	6.370	31.947	5.015	6.158	30.881	0,00	-3,34	-3,34
Xanxerê	26.680	10.406	277.622	27.620	6.052	167.154	3,52	-41,84	-39,79
Total geral	337.205	8.613	2.904.390	321.781	5.799	1.865.961	-4,57	-32,67	-35,75

Fonte Epagri/Cepa, Sistema de Acompanhamento de Safr, abril/2021.

Tabela 2. Milho – Santa Catarina: estimativas da área e rendimento da segunda safr (inicial – janeiro de 2021), e atual (abril/2021)

MRG	Safr 2020/21 - inicial			Safr 2020/21 - atual			Variação %		
	Área plant. inicial (ha)	Prod média inicial (kg/ha)	Qtd. Prod. inicial (t)	Área plant. atual (ha)	Prod. Méd. inicial (kg/ha)	Qtd. Prod. atual (t)	Área	Quant.	Produtividade
Araranguá	389	4.775	1.858	389	4.658	1.812	0,00	-2,45	-2,45
Chapecó	8.014	6.431	51.536	7.501	4.143	31.079	-6,40	-35,57	-39,69
Concórdia	4.000	7.122	28.487	4.000	2.888	11.550	0,00	-59,45	-59,45
Criciúma	365	4.522	1.651	365	4.402	1.607	0,00	-2,67	-2,67
São Miguel do Oeste	7.293	5.727	41.765	6.823	2.968	20.250	-6,44	-48,18	-51,52
Tabuleiro	450	3.889	1.750	450	3.733	1.680	0,00	-4,00	-4,00
Tijucas	750	3.900	2.925	750	3.900	2.925	0,00	0,00	0,00
Tubarão	100	4.660	466	100	4.540	454	0,00	-2,58	-2,58
Xanxerê	3.833	6.098	23.372	3.373	4.938	16.654	-12,00	-19,03	-28,74
Total geral	25.194	6.105	153.809	23.751	3.706	88.010	-5,7	-39,3	-42,8

Fonte Epagri/Cepa, Sistema de Acompanhamento de Safr, abril/2021.

Considerando as épocas de cultivos, primeira e segunda safr, a produção inicialmente estimada foi de 3,06 milhões de toneladas (Tabela 3). A estimativa atual registra 1,95 milhão de toneladas indicando uma redução de 28,4% na produção total. Caso isto se confirme, teremos a menor produção da última década, com maiores dificuldades no suprimento de milho no estado e possível pressão de custos nas cadeias de produção animal.

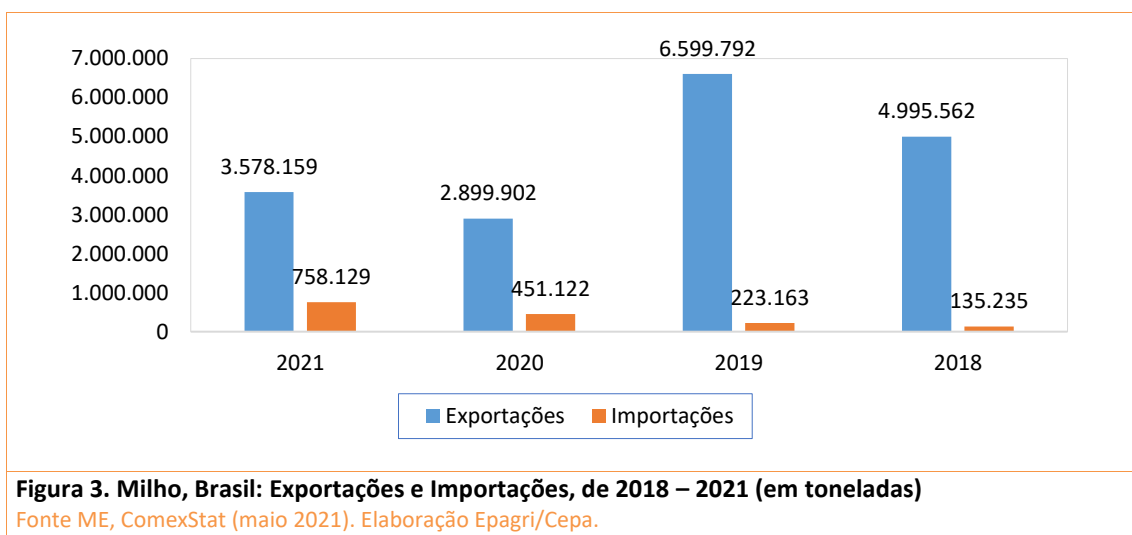
Tabela 3. Milho – Santa Catarina: estimativas da produtividade média estadual (inicial – janeiro de 2021), e atual (abril/2021)

MRG	Safr 2020/21 – Inicial			Safr 2020/21 – Atual			Variação %		
	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quantidade (t)	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quantidade (t)	Área	Prod. Kg/ha	Quant.
Milho 1ª safra	337.205	8.613	2.904.390	321.781	5.799	1.865.961	-4,6	-32,7	-35,8
Milho 2ª safra	25.194	6.105	153.809	23.751	3.706	88.010	-5,7	-39,3	-42,8
Total Geral	362.399	8.361	3.058.200	345.532	5.988	1.953.972	-4,7	-28,4	-36,1

Fonte Epagri/Cepa, Sistema de Acompanhamento de Safra, abril/2021.

Exportações e Importações - Brasil

As importações de milho em grão têm apresentado elevação no primeiro quadrimestre, sendo 5,6 vezes superior, em 2021, quando comparadas a 2018. Por outro lado, as exportações têm apresentado redução no período. A produção de milho na primeira safra está estagnada em 25 milhões de toneladas e não consegue mais abastecer o consumo interno no primeiro semestre. Com o consumo interno em elevação, as importações no primeiro semestre de 2021 deverão ultrapassar a um milhão de toneladas.


Figura 3. Milho, Brasil: Exportações e Importações, de 2018 – 2021 (em toneladas)

Fonte ME, ComexStat (maio 2021). Elaboração Epagri/Cepa.

Estimativas da Safra nacional de milho


Figura 4. Milho - Brasil: Estimativas da produção total de milho para a safra 2020/21, CONAB

Fonte: CONAB, maio/2021.

A Conab diminuiu a estimativa da produção de milho de 108,9 para 106,4 milhões de toneladas (MT) no relatório de maio. Se persistir a estiagem no Centro Oeste, as estimativas devem recuar ainda mais em junho. Com o consumo interno de 72 MT e, caso se concretize as exportações previstas de 35 MT, o suprimento interno poderá estar comprometido.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Os preços se mantêm firmes em Santa Catarina desde outubro de 2020, quando superaram a marca de R\$170,00/sc (valor corrigido IGP-DI). Em dezembro, porém, apresentaram um recuo em função do dólar. No primeiro trimestre as cotações se mantêm em um patamar elevado, mesmo em plena colheita da safra brasileira. Os preços praticados nos diferentes estados analisados estão próximos desde o início do ano (Figura 1).

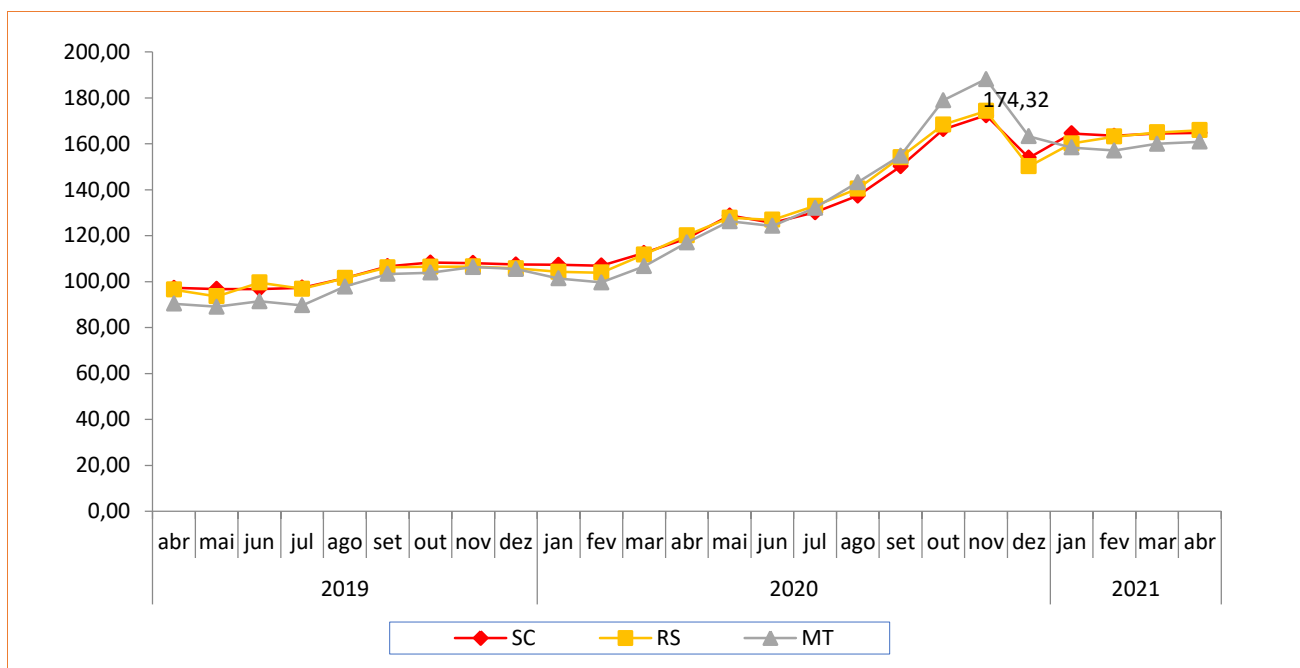


Figura 1. Soja em grão – Santa Catarina: preço médio mensal ao produtor – 2019-2021, corrigidos pelo IGP-DI, base abr./2021)

Fonte: Epagri/Cepa, Deral – PR e Agrolink (MT).

Preços comparativos da soja

Os preços elevados no mercado internacional foram influenciados pela forte demanda chinesa, pelos baixos estoques mundiais e início das novas safras dos EUA e da China que apresentam problemas climáticos. O câmbio (relação real/dólar), explica boa parte das elevações e oscilações no mercado interno em 2020 e início de 2021. Os preços da soja estão registrando valores recordes em dólar, alcançando o patamar de US\$34,55/buschel e R\$ 182,97/sc no dia 13/05/2021 (Figura 2). Estes são os maiores valores da série desde 2015. O preço de soja na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) encerrou abril de 2021 cotado em US\$ 15,71/buschel (1 buschel = 27,2155 kg), o maior valor nominal desde julho de 2013. No início de maio, as cotações superaram a marca de US\$ 16,00/bu. Somente em 2012 as cotações alcançaram estes valores, quando do período do “boom” da *commodities*². Ainda há dúvidas entre os analistas se estamos vivendo mudanças de regimes nos preços das *commodities*. O principal parâmetro de alta de Chicago continua

² O ciclo de alta nos preços das commodities e a economia brasileira: uma análise dos mecanismos externos de transmissão entre 2002 e 2014. In: <https://www.scielo.br/pdf/ecos/v25n3/1982-3533-ecos-25-03-00695.pdf>

sendo os baixos estoques de passagem americanos. Outro fator que contribuiu com a cotação internacional foi a elevação dos preços de óleo de soja (Figura 2).

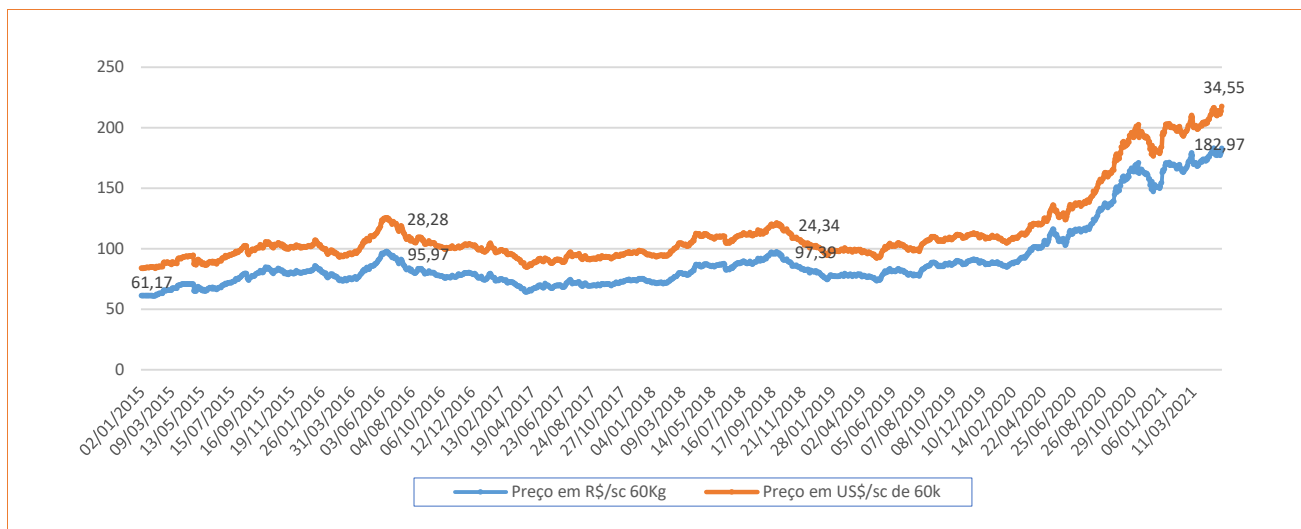


Figura 2. Soja em grão – Indicador da soja Esalq/BM&FBOVESPA – Paranaguá³

Fonte: Epagri/Cepa.

Safra catarinense 2020-21

Neste relatório, a estimativa é do cultivo de 667 mil hectares de soja na primeira safra (2020/21), com produção prevista de 2,31 milhões de toneladas, 4,2% inferior do prognóstico inicial. Os fatores climáticos reduziram a expectativa de rendimento (Tabela 1) sobretudo nas regiões de Canoinhas, São Bento do Sul, e São Miguel do Oeste que apresentaram as maiores quedas na expectativa de produção.

Tabela 1. Soja-primeira safra – Santa Catarina: estimativa inicial e atual abr./2021)

MRG	Safra 2020/21 (estimativa inicial)			Safra 2020/21 (estimativa atual -abr.)			Variação %		
	Área (ha)	Quant (t)	Prod. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quant. (t)	Área	Prod.	Quant.
Araranguá	580	3.402	1973	730	3.103	2.265	25,9	-8,8	14,8
Campos de Lages	62.540	3.319	207.582	67.930	3.356	227.984	8,6	1,1	9,8
Canoinhas	138.400	3.804	526.491	140.600	3.338	469.310	1,6	-12,3	-10,9
Chapecó	80.825	3.385	273.603	77.011	3.410	262.606	-4,7	0,7	-4,0
Concórdia	6.055	3.790	22.946	6.170	3.485	21.501	1,9	-8,0	-6,3
Criciúma	4.440	3.542	15.728	4.440	3.225	14.318	0,0	-9,0	-9,0
Curitibanos	111.220	4.151	461.703	111.220	3.909	434.811	0,0	-5,8	-5,8
Ituporanga	8.350	3.505	29.268	8.350	3.520	29.388	0,0	0,4	0,4
Joaçaba	52.960	3.718	196.888	53.070	3.583	190.164	0,2	-3,6	-3,4
Rio do Sul	5.615	3.440	19.316	5.695	3.259	18.560	1,4	-5,3	-3,9
São Bento do Sul	11.300	3.612	40.811	11.800	2.972	35.070	4,4	-17,7	-14,1
São M. do Oeste	35.459	3.789	134.364	34.515	3.242	111.894	-2,7	-14,4	-16,7
Tubarão	650	3200	2080	650	2.940	1.911	0,0	-8,1	-8,1
Xanxerê	138.660	3.496	484.813	133.223	3.681	490.433	-3,9	5,3	1,2
Total Geral	657.054	3.679	2.417.566	655.404	3.525	2.310.216	-0,3	-4,2	-4,4

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2020.

³ Produto posto no porto de Paranaguá, estado do Paraná, nas condições DAP (Delivered at Place) no pátio ou FAS (Free Alongside Ship) em armazéns/silos que efetuem carregamento de navios via corredor de exportação no porto de Paranaguá;

A estimativa inicial da segunda safra registra área cultivada de 41,06 mil hectares (Tabela 2). Portanto, a área total a ser cultivada com soja supera os 700 mil hectares na safra 2020/2021.

Tabela 2. Soja-segunda safra – Santa Catarina: estimativa inicial (set. 2020) e abril de 2021

MRG	Safra 2020/21 (estimativa inicial)			Safra 2020/21 (estimativa -abr.)			Variação %		
	Área (ha)	Quant (t)	Prod. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quant. (t)	Área	Prod.	Quant.
Araranguá	385	3.345	1.288	385	3.341	1.286	0,0	-0,1	-0,1
Canoinhas	4.331	1.955	8.467	5.780	1.134	6.556	33,5	-42,0	-22,6
Chapecó	15.230	2.388	36.370	17.081	2.473	42.243	12,2	3,6	16,1
Concórdia	1.200	3.228	3.873	1.200	2.876	3.451	0,0	-10,9	-10,9
São Bento do Sul	180	1.856	334	200	1.000	200	11,1	-46,1	-40,1
São Miguel do Oeste	6.410	2.417	15.490	7.090	1.875	13.296	10,6	-22,4	-14,2
Xanxerê	11.600	2.269	26.320	9.500	2.503	23.780	-18,1	10,3	-9,7
Total Geral	39.336	2.342	92.142	41.236	2.202	90.813	4,8	-6,0	-1,4

Fonte: Epagri/Cepa, março/2021.

Acompanhamento Safra 2020/2021

O ritmo da colheita da safra de soja de verão (primeira safra) já caminha para o final com exceção da região Campos de Lages, onde cerca de 10% da área ainda não foi colhida. As regiões de Chapecó, e Xanxerê e litoral sul finalizaram a colheita (Figura 2). Com o tempo mais seco em abril, os serviços de colheita foram mais intensos. Importante observar um fato atípico, que os grãos chegaram nas unidades de recebimento e armazéns com umidade abaixo de 13% e com isto os gastos com secagem foram reduzidos.

Cenário Nacional da Safra 2020/2021⁴.

A expectativa para a safra 2020/21 é de crescimento da área plantada da oleaginosa, alcançando 38,5 milhões de toneladas, o que representa um aumento de 4,2% em comparação à safra anterior (Figura 3). A estimativa da produção do relatório de maio da CONAB está em 135,4 milhões de toneladas, 8,5% superior a safra 2019/20.



⁴ CONAB | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.8 – safra 2020/21, nº7 – sétimo levantamento | abril 2021

Safra e mercado mundial – oleaginosas

O relatório do USDA de maio mostra uma expectativa de forte crescimento do consumo global de óleo em 2021/22, apesar dos preços altos. Prevê-se que a produção global de oleaginosas cresça 5% em 2021/22, principalmente com o crescimento da soja produção nos Estados Unidos e na América do Sul. A produção global de oleaginosas (soja, colza, amendoim, girassol, algodão, palma, coco?) está projetada para chegar a 632 milhões de toneladas em plantações ou produções? recordes. A produção de soja nesta safra deve alcançar 386 milhões de toneladas com aumento de 23 milhões (6%) com relação à safra anterior. O consumo global de oleaginosas deve aumentar 3% em 2021/22, liderado pela maior demanda por soja na China, refletindo uma reconstituição da demanda por ração após peste suína. Estima-se que o esmagamento da soja e o consumo de ração respondam por mais da metade do crescimento do uso global de grãos. Mais um fator que indica a manutenção dos preços fortalecidos no mercado internacional.

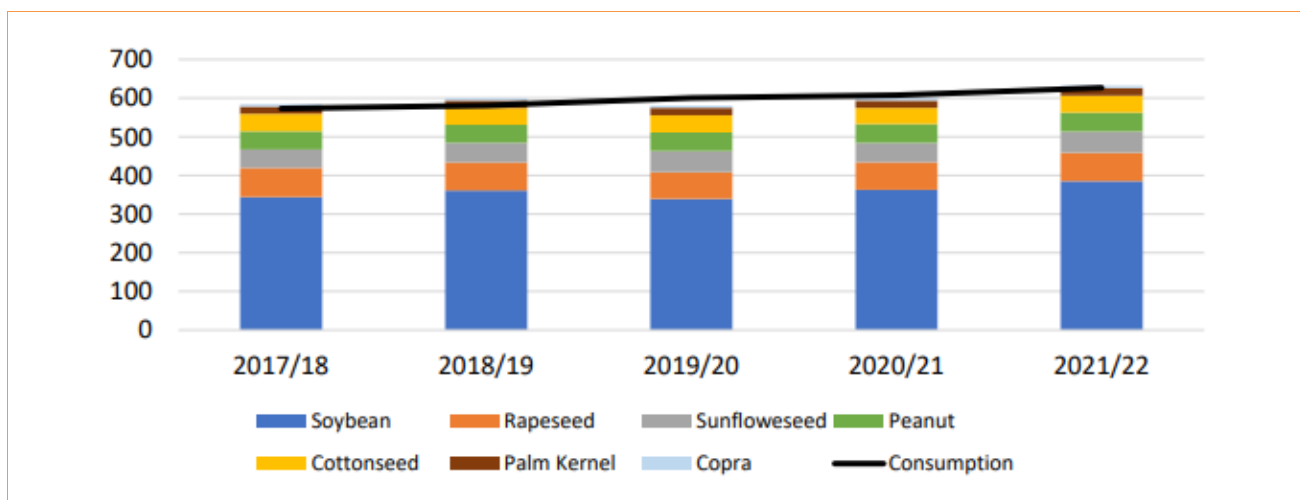


Figura 4. Óleo – Mundial: evolução da produção e consumo global de grãos – oleaginosas: soja, colza, amendoim, girassol, algodão, palma, coco e consumo, de 2017 a 2021

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de abril, as cotações no mercado de balcão (valor pago ao produtor) para a saca de 60kg de trigo no mercado catarinense, tiveram variação positiva de 7,23%, em relação ao mês de março. No mercado paranaense e gaúcho também houve alta em abril de 9,07% e 2,51%, respectivamente. A variação anual nesse período, em termos nominais, no mercado catarinense, foi 75% superior ao preço médio praticado em abril de 2020. Mesmo com a baixa demanda por parte dos moinhos, os produtores mantiveram os preços em patamares elevados, o que sinaliza que compradores estão bem abastecidos com o cereal. Portanto, as cotações seguiram firme em abril.

Tabela 1. Trigo Grão – Comparativo dos preços médios pagos ao produtor – R\$/saca de 60kg

Estado	Abril/2021	Março/2021	Var. mensal %	Abril/2020	Var. anual %
Santa Catarina	83,49	77,86	7,23	47,70	75,03
Paraná	87,27	80,01	9,07	57,29	52,33
Mato Grosso do Sul	85,30	77,37	10,25	55,70	53,14
Goiás	97,25	95,35	1,99	59,59	63,20
Rio Grande do Sul	80,37	78,40	2,51	48,02	67,37

Nota: Trigo Pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, GO e RS), maio/2021.

Para a próxima safra, dados da Conab indicam que deverá haver um aumento 1,6% na área plantada, passando de 2.341,4 mil hectares cultivados na safra 2020/21, para uma projeção da safra 2021/22 de 2.379,4 mil hectares. Também é esperado um incremento na produtividade média de 0,6%, resultando numa produção 2,2% superior a alcançada na temporada anterior, passando de 6,23 milhões de toneladas, para uma projeção de 6,37 milhões de toneladas do grão.

Safra

Para a próxima safra, dados da Conab indicam que deverá haver um aumento 1,6% na área plantada, passando de 2.341 mil hectares cultivados na safra 2020/21, para uma projeção da safra 2021/22 de 2.379 mil hectares. Também é esperado um incremento na produtividade média de 0,6%, resultando numa produção 2,2% superior a alcançada na temporada anterior, passando de 6,23 milhões de toneladas, para uma projeção de 6,37 milhões de toneladas do grão.

Tabela 2. Trigo grão – Comparativo área, produtividade e produção 2020 e 2021

Região	Área (mil ha)			Produtividade (kg/ha)			Produção (mil t)		
	Safra 2020	Safra 2021	Var. %	Safra 2020	Safra 2021	Var. %	Safra 2020	Safra 2021	Var. %
Nordeste	3	3	0,0	5.700	5.700	0,0	17	17	0,0
Centro-Oeste	58	96	65,7	3.224	2.679	-16,9	186	256	37,7
Sudeste	172	172	0,0	2.917	2.853	-2,2	501	490	-2,2
Sul	2.339	2.376	1,6	2.659	2.674	0,6	6.218	6.354	2,2
Brasil	2.342	2.379	1,6	2.663	2.678	0,6	6.235	6.371	2,2

Nota: Estimativa em abril/2021.

Fonte: Conab, maio/2021.

Em Santa Catarina a área de cultivo cresceu 15% na última safra. Contudo, o trigo sofreu com geadas localizadas e uma estiagem prolongada que comprometeram a safra, resultando em produtividade média 3% inferior à obtida na safra anterior. Para a nova safra 2021/22, é esperado um aumento de até 10% na área de cultivo, principalmente nas regiões do Planalto Sul, Planalto Norte e Oeste de SC. O plantio no estado tem início a partir da segunda quinzena de maio e vai até final de junho. Contudo, observamos que muitos produtores estão se antecipando na compra de insumos e sementes, dando indicativo de aumento na intenção de plantio.

Os fatores que nos auxiliam a fundamentar esse aumento nas estimativas de área de plantio de trigo para a safra 2021/22, são: a) alta nas cotações do dólar, o que inibe a aquisição de trigo importado, favorecendo as vendas e as cotações do trigo nacional; b) aumento na demanda, manifestada pela intenção dos moinhos em adquirir novos lotes do produto; c) melhor utilização dos componentes do custo de produção, como máquinas e mão de obra, além da melhoria nas condições de solo para o plantio direto de culturas de verão e intensificação na utilização das áreas de cultivo (inverno e verão).

Tabela 3. Trigo grão – Comparativo entre as safras 2019/20 e 2020/21

Microrregião	Safra 2019/20			Estimativa Safra 2020/21			Variação (%)		
	Área Plantada (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área	Quant. Prod.	Rend. Médio
Campos de Lages	924	2.158	2.335	634	1.285	2.027	-31	-40	-13
Canoinhas	9.500	35.419	3.728	13.300	46.780	3.517	40	32	-6
Chapecó	11.584	34.323	2.963	13.493	35.785	2.652	16	4	-10
Concórdia	706	1.985	2.812	1121	3.355	2.993	59	69	6
Curitibanos	7.301	23.268	3.187	9.040	29.212	3.231	24	26	1
Ituporanga	840	2.078	2.474	781	2.032	2.601	-7	-2	5
Joaçaba	3.848	10.939	2.843	3.987	9.779	2.453	4	-11	-14
Rio do Sul	200	485	2.425	250	605	2.420	25	25	0
São Bento do Sul	500	1.710	3.420	700	2.310	3.300	40	35	-4
São Miguel do Oeste	3.748	8.100	2.161	4.595	11.870	2.583	23	47	20
Xanxerê	11.650	34.309	2.945	10.531	29.065	2.760	-10	-15	-6
Santa Catarina	50.801	154.774	3.047	58.432	172.079	2.945	15	11	-3

Fonte: Epagri/Cepa, maio/2021.

Previsão Climática

Na figura 1, podemos verificar que para a Região Sul, as previsões climáticas indicam que o trimestre deve ficar com chuvas abaixo da média climatológica em praticamente toda a região, principalmente no sul do Paraná, leste de Santa Catarina e norte do Rio Grande do Sul. A temperatura do ar próxima à superfície deverá prevalecer abaixo da média sobre a metade leste de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Nas demais áreas, a temperatura do ar deverá prevalecer próxima à climatologia do trimestre. Nos meses de maio a julho/2021, a previsão indica o predomínio de baixos valores de excedente hídrico para o solo em praticamente toda Região Sul, exceto no noroeste do Paraná, onde existe a probabilidade de ocorrer deficiências hídricas nos próximos meses.

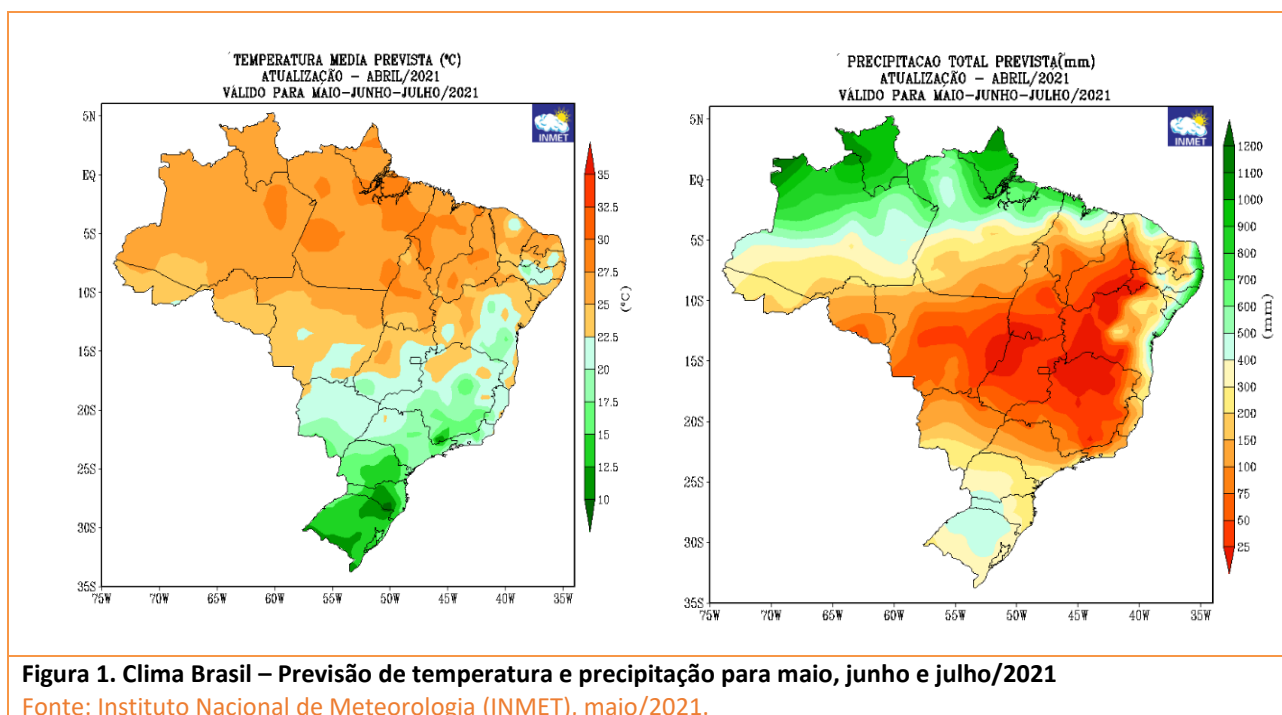


Figura 1. Clima Brasil – Previsão de temperatura e precipitação para maio, junho e julho/2021

Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), maio/2021.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiqugel@epagri.sc.gov.br

Santa Catarina, estado pioneiro na produção comercial de alho no Brasil se mantém como o terceiro produtor nacional com produção de 14.700 toneladas na safra 20/21. A produção catarinense se caracteriza por ser realizada, em sua maior parte, por pequenos produtores familiares. Segundo o IBGE (2017) são pouco mais de 3.600 estabelecimentos que produzem a hortaliça. Nesse sentido, registra-se a importância do papel do Estado enquanto ente financiador de políticas públicas de fomento e apoio ao desenvolvimento da cadeia produtiva, desde os tradicionais mecanismos de incentivo, como o crédito rural, a assistência técnica e a pesquisa, como apoio às organizações econômicas cooperativas e associativas dos produtores.

Os esforços com o objetivo de buscar alinhamento de trabalho para o desenvolvimento da cultura do alho no país foi sinalizado no início desse mês pela proposição da Anapa – Associação Nacional de Produtores de Alho, com a criação de um conselho de pesquisa sobre os desafios da cadeia produtiva. O conselho visa aproximar a Associação e Instituições públicas de pesquisa para identificar os principais problemas técnico-produtivos enfrentados pelos produtores em relação a doenças e pragas de solo, parte aérea e manejo. A estratégia de trabalho é identificar as demandas por estado e direcionar a pesquisa para a busca de solução dos problemas.

Além da participação de quadros técnicos da Anapa e Associações estaduais como a Acapa/SC, participam do conselho, instituições como: Embrapa, Epagri, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade Estadual Paulista (Unesp) e a Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Esta é uma importante demonstração do empenho e protagonismo da cadeia produtiva nacional que organiza o segmento de um produto que se firma cada vez mais no mercado com produção de alhos nobres de alta qualidade.

Segundo o Presidente da Anapa, Rafael Corsino, a Associação deverá realizar convênios e parcerias destinando recursos para a pesquisa de tecnologias para melhorar o desempenho da produção de alho no Brasil.

Preço

Em abril, no mercado atacadista da Ceagesp, unidade do governo federal localizada no município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado, na primeira semana a R\$16,29/kg, reagindo na semana seguinte e fechando o mês a R\$17,49/kg, com aumento de 7,36% no mês. No mesmo período, o alho classe 6 passou de R\$18,93/kg para R\$18,91/kg, representando redução de 0,10%, e o alho classe 7 fechou abril ao valor de R\$22,07/kg, com aumento de 1,56% no mês.

Na primeira semana de maio os preços no atacado, para todas as classes do alho roxo nacional, tiveram redução de preço em relação ao final do mês de abril, com variação para o alho classe 5 de 6,91%, de 2,48% para o classe 6 e de 1,67% para o alho classe 7.

O alho argentino fechou o mês de abril com preço de R\$14,51/kg, R\$15,53/kg e R\$16,53/kg para as classes 5, 6 e 7, respectivamente. Nesse sentido, percebe-se, positivamente que o alho brasileiro mantém boa posição na preferência do consumidor em relação ao concorrente argentino.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, em abril o alho nobre nacional se manteve com preços praticamente estáveis, exceto no período que compreende os dias 14 a 20 do mês, quando todas as classes tiveram redução de preço de aproximadamente 3%. Dessa forma, o alho classes 4 e 5, iniciou e fechou o mês a R\$16,00/kg, enquanto o alho classes 6 e 7 iniciou o mês de abril a R\$17,50/kg, fechou o mês a R\$17,00/kg.

Em relação à comercialização da safra catarinense 2020/2021, o ritmo continua lento, semelhante aos meses de fevereiro e março. Em relação aos preços pagos ao produtor, de acordo com a Epagri/Cepa, na última semana de abril, o preço médio para o alho classes 2 e 3 foi de R\$4,50/kg, representando redução de 44% em relação a março. Para o alho classes 4 e 5 o mês de abril fechou a R\$8,50/kg, redução de 8,82% e o alho 6 e 7 permaneceu a R\$11,50/kg, mesmo valor do mês de março.

Produção

Conforme é do conhecimento, as lavouras já foram colhidas e o produto está em processo de cura, armazenamento e classificação em vias de final de comercialização.

As expectativas se voltam para as estimativas iniciais de produção para a safra 2021/22 cujo levantamento está sendo realizado pela Epagri/Cepa nesse período e a conclusão dos trabalhos devem ocorrer até o final desse mês. Nesse sentido, as principais preocupações em relação à nova safra são a elevação do custo de produção e a baixa disponibilidade de água para irrigação que, com a prolongada estiagem que ainda persiste nas regiões produtoras deixou os mananciais e reservatórios em níveis críticos até o momento, podendo ser um limitante em relação à área que será plantada na nova safra.

Comércio exterior

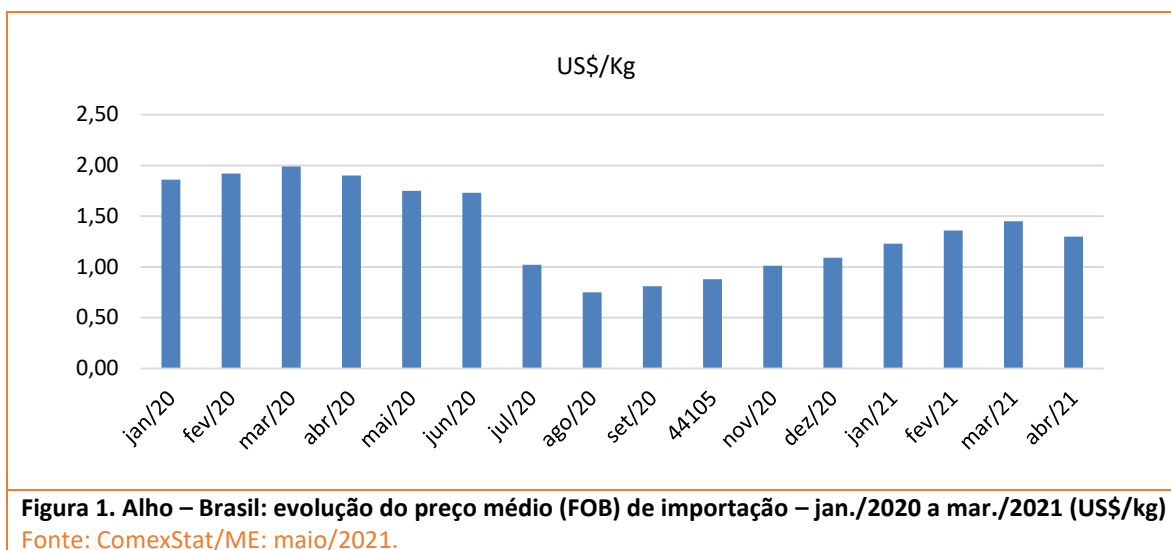
Em abril de 2021 foram importadas 14,62 mil toneladas, volume 0,34% inferior a março de 2020. Nos primeiros quatro meses desse ano as importações somam um volume de 54,72 mil toneladas, enquanto que no mesmo período do ano de 2020 o volume importado foi de 66,42 mil toneladas, uma redução de 17,62% comparativamente no período, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de jan./2017 a fev./2021 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,81
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,43
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,93	23,33	15,90	12,01	9,39	16,15	14,63	193,51
2021	11,76	14,58	13,76	14,62	-	-	-	-	-	-	-	-	54,72

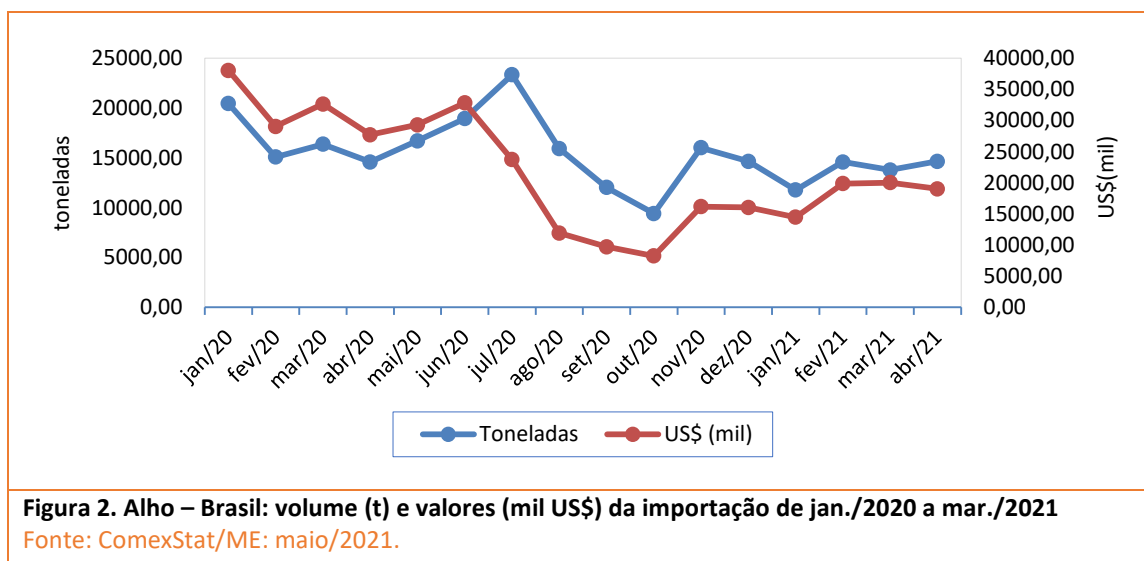
Fonte: Comexstat/ME: maio/2021.

O preço médio (FOB) do alho importado, em março interrompeu a tendência de recuperação que vinha ocorrendo desde setembro de 2020. Em relação ao mês de março, o preço do alho importado pelo Brasil teve redução de 10,34% no preço médio, que passou de US\$1,45/kg para US\$1,30/kg, conforme exposto na Figura 1.

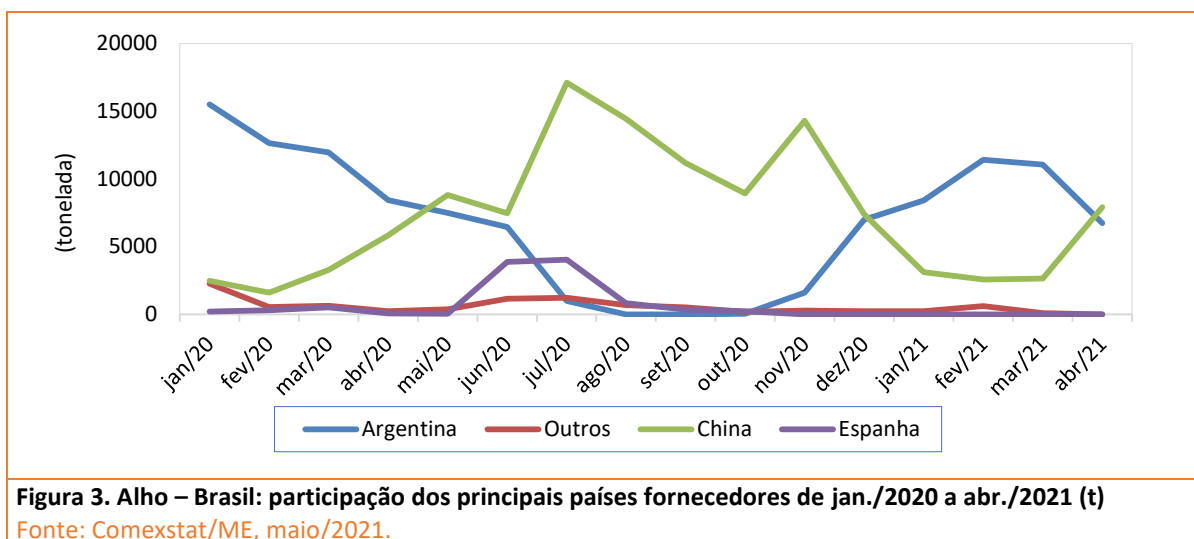


Na Figura 2 apresentamos a evolução da quantidade de alho internalizada e o desembolso mensal, pelo Brasil, no período de janeiro de 2020 a abril de 2021.

O desembolso com a importação da hortaliça no mês de abril/21 foi de US\$19,00 milhões (FOB), indicando redução de 5,00% em relação a março de 2021. O volume importado foi de 14,62 mil toneladas, crescimento de 6,25% no mesmo período.



No mês de abril/21, os fornecedores de alho para o Brasil foram a Argentina, com 6,72 mil toneladas, representando 45,96% do total importado, a China, com 7,90 mil toneladas, 54,04% do total, como indica Figura 3.



Como comentado nesta edição, vemos com otimismo os encaminhamentos que estão sendo dados pelas organizações da cadeia produtiva no sentido de estabelecer parcerias para alcançar avanços produtivos e econômicos para a cultura do alho nacional. Estas parcerias, coordenadas pela ANAPA envolvem algumas das principais Instituições de pesquisa do país, com o objetivo de contribuir para o aumento da produção de alho, superando, no médio prazo, a marca de que somente 45 a 50% do consumo interno brasileiro é abastecido pela produção nacional.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

A comercialização da safra catarinense de cebola, iniciada nos meses de novembro e dezembro de 2020, é dada como encerrada. Na avaliação geral da safra, apesar da ocorrência de problemas climáticos em praticamente todo o ciclo da cultura, os produtores catarinenses obtiveram bons resultados econômicos. Devido a severidade de eventos climáticos mais localizados, como chuva de granizo e vendavais, alguns produtores tiveram perda total da produção. Nesse sentido salienta-se a importância das políticas públicas do seguro rural e do PROAGRO que aportaram significativos valores em indenizações aos produtores catarinenses conforme apresentado no Boletim nº 95 de abril do corrente ano.

Preços e Mercado

A menor oferta da hortaliça pelas safras produzidas no Sul do Brasil contribuiu para que o mercado da cebola se mantivesse com preços relativamente bons em todo o período da comercialização da safra catarinense.

No mês de abril o preço médio pago ao produtor, na praça de referência de Rio do Sul foi de R\$2,15/kg para a cebola caixa 3, com prazo de 35 dias, aumento de 6,96% em relação ao mês de março.

Na Ceagesp/SP, o mês de abril iniciou com preço da cebola a R\$3,13/kg, valor que representa aumento de 3,30% em relação aos preços praticados no início de março. A partir da segunda semana do mês de abril iniciou redução de preços, passando para R\$2,83/kg, no dia 16/04 e fechando o mês a R\$2,79/kg, apresentando uma redução de 10,86% em relação ao início do mês.

O mês de maio iniciou com redução de preços no atacado paulista para a cebola nacional atingindo no dia 05/05 o valor de R\$2,76/kg, o que representa redução de 1,07% em relação ao final do mês de abril. Nesse período a cebola argentina foi comercializada a R\$3,10/kg com redução de 5,8% em relação ao final de abril.

Após a primeira semana do mês, os preços tiveram novas baixas, fechando no dia 10/05 no valor de R\$2,66/kg, que representa uma redução de 3,6% em relação ao início do mês.

Na Ceasa/SC (Unidade de São José), o mês de abril iniciou com preço de atacado para a cebola nacional a R\$2,75/kg, valor que representa redução de 8,3% em relação ao início de março. Após pequena alta entre os dias 07 e 14 de abril, o preço voltou a R\$2,75/kg, fechando o mês neste valor. O mês de maio iniciou com preço em queda para a cebola nacional passando de R\$2,75/kg no dia 03 para R\$2,25/kg no dia 12/05, redução de 18,18% em relação ao início do mês. No mesmo período a cebola importada da Argentina permaneceu com preço estável e foi comercializada a R\$3,00/kg.

Safra catarinense

Conforme levantamento da Epagri/Cepa, a safra catarinense de cebola 20/21 teve sua comercialização encerrada. Atualmente a expectativa da cadeia produtiva volta-se para as estimativas de plantio para a nova safra 2021/22. O trabalho de campo está sendo realizado e a conclusão está prevista para este mês. A princípio Santa Catarina deve repetir a mesma área da safra 2020/21. Porém há uma preocupação preponderante em algumas regiões, como na Microrregião de Joaçaba onde a estiagem persiste e os mananciais e reservatórios de água estão sem reservas. Esta condição pode limitar a disponibilidade de água para irrigação no início do ciclo da cultura, especialmente para a produção de mudas e início do ciclo de desenvolvimento nas lavouras, forçando alguns produtores a mudar para a produção de grãos.

Importação

De acordo com os dados do Siscomex/ME, em 2020, o Brasil importou 197,7 mil toneladas de cebola, volume 6,51% menor que no ano de 2019. O pico da entrada de cebola no Brasil ocorreu nos meses de abril, maio e junho, período tradicional de maior entrada de cebola estrangeira no país. Nesse ano, o volume importado no primeiro quadrimestre é superior aos últimos quatro anos para o período e atingiu 88,69 mil toneladas, aumento de 41,9% em relação ao ano mesmo período do ano passado Tabela 1.

Tabela 1. Cebola – Brasil: importações de 2018 a fevereiro de 2021 (t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2018	417	6.549	22.546	37.380	34.323	14.422	162	115	115	230	491	1.136	117.886
2019	831	6.464	25.176	51.765	33.103	28.366	15.297	14.272	21.211	12.705	1.557	773	211.520
2020	58	218	13.860	48.370	74.214	48.347	7.788	1.364	555	2.045	293	640,51	197.756
2021	910,8	14.808	26.040	46.934	-	-	-	-	-	-	-	-	88.692,8

Fonte: Fonte: ComexStat/ME, maio/2021.

O Brasil é um importante mercado para a comercialização de cebola de diversos países. Na tabela 2 são apresentados os principais países fornecedores da hortaliça em 2020, com os respectivos volumes, valores e preço médio FOB. Destaca-se a Argentina, com 155,09 mil toneladas, perfazendo 78,43% do total importado pelo país. A seguir vem o Chile, com 23,14 mil toneladas, 11,70% do total e, em terceiro, os Países Baixos, com 7,23% do total importado. O custo médio FOB foi de US\$0,21/kg, influenciado pelo preço da Argentina, que foi de US\$0,17/kg.

Tabela 2. Cebola – Brasil: principais países fornecedores em 2020

Países	Valor FOB (mil US\$)	Volume (t)	Valor US\$/kg
Argentina	26.244,2	155.098,9	0,17
Chile	8.782,1	23.142,5	0,38
Países Baixos	4.976,5	14.301,9	0,35
Espanha	2.080,8	4.751,5	0,44
Nova Zelândia	118,2	234,0	0,51
Peru	49,5	122,0	0,41
Reino Unido	29,6	78,0	0,38
Bélgica	11,0	28,0	0,39
Total	42.291,9	197.756,7	0,21

Fonte: Fonte: ComexStat/ME, janeiro/2021.

Em abril, foram importadas 46,93 mil toneladas de cebola, volume dentro das expectativas e histórico de entrada de cebola estrangeira para o mês. Porém o volume internalizado no ano é significativo em relação aos anos anteriores, questão que deve se normalizar com o aumento da oferta de cebola nacional nos próximos meses. O desembolso total (FOB) foi de US\$9,9 milhões, com custo médio de US\$0,21/kg, como apresentado na Figura 1.

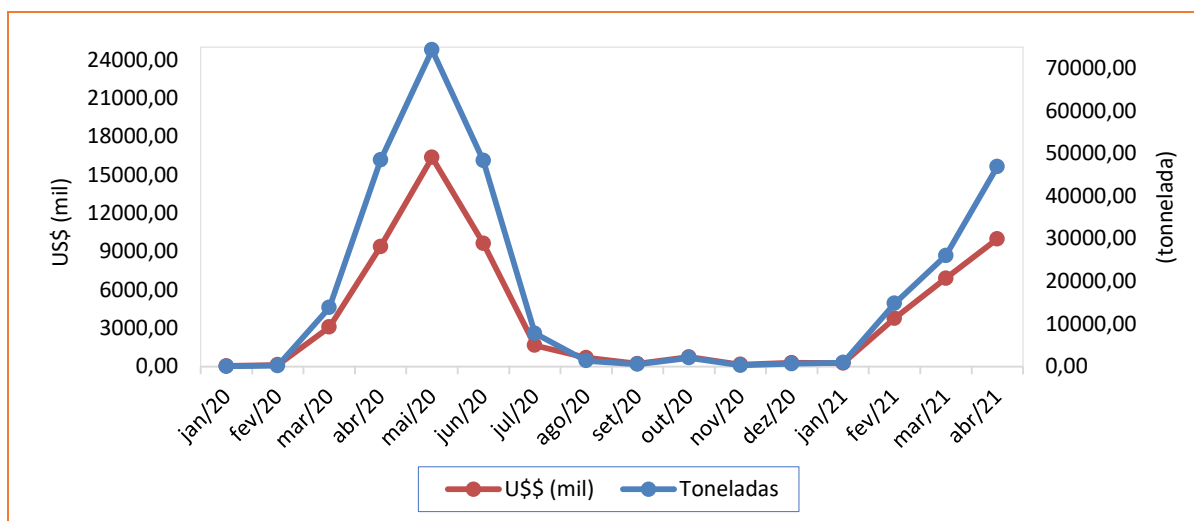


Figura 1. Cebola – Brasil: importação mensal de jan./2020 a abr./2021

Fonte: ComexStat/ME, maio/2021.

Os principais países fornecedores da hortaliça ao Brasil no mês de março foram a Argentina com 43,19 mil toneladas, volume que representa 92% do total, o Chile com 3,23 mil toneladas 6,9% do total. Os demais países juntos somaram 0,51 mil toneladas ou 1,12% do total importado, conforme identificado na Figura 2.

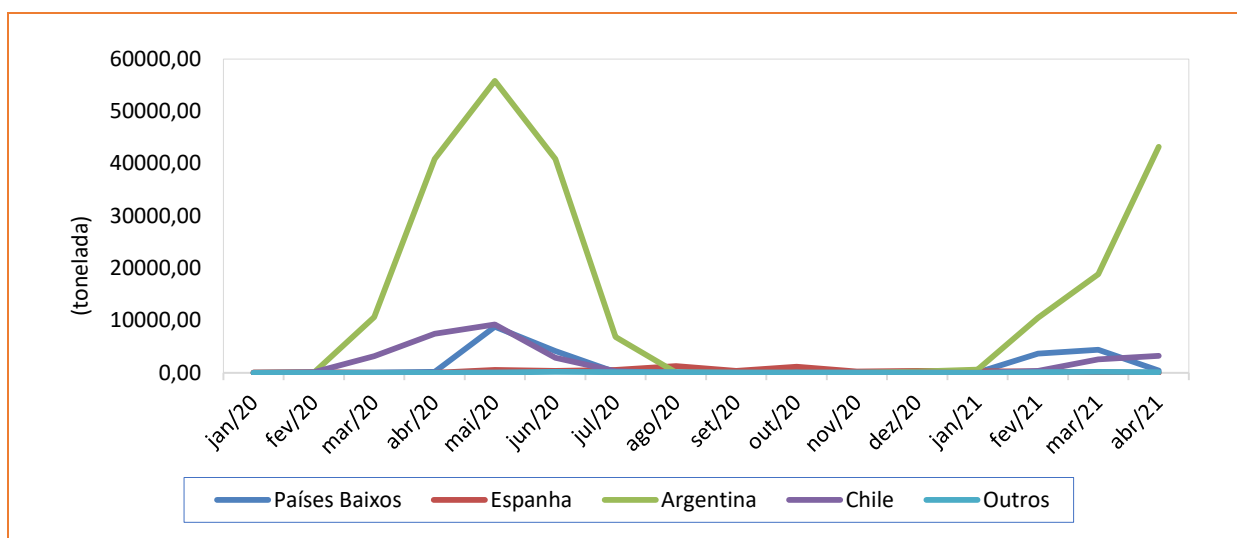


Figura 2. Cebola – Brasil: volume importado dos principais países fornecedores – jan./2020 – abr./2021

Fonte: ComexStat/ME, maio/2021.

Conforme mencionado nesta edição a Epagri/Cepa está realizando o trabalho de levantamento à campo sobre a estimativa inicial de produção de cebola safra 21/22 com metodologia e estrutura técnica cobrindo todo o estado de forma a disponibilizar à sociedade catarinense informações indicativas do futuro da atividade. Todos os elementos indicam que Santa Catarina permanecerá como o maior produtor nacional de cebola, cuja atividade é preponderantemente realizada por agricultores familiares em pequenas áreas com uso de mão-de-obra da própria família. Nesse contexto, ressalta-se o papel que as políticas públicas exercem no apoio e sustentabilidade da atividade com esse perfil socioeconômico em nosso território. Nesse sentido, é o momento das lideranças do setor e políticos do estado estarem atentos ao novo plano safra 2021/22, pois há rumores de redução de volumes de recursos à disposição dos produtores para a próxima safra.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas duas primeiras semanas de maio, os preços do frango vivo apresentaram movimentos de alta nos três estados acompanhados. Na comparação com o mês anterior, os preços preliminares de maio registraram variação de 9,7% em São Paulo, 4,5% no Paraná e 1,1% em Santa Catarina. Na comparação com os preços de maio de 2020, as variações são expressivas nos três estados: 87,7% em São Paulo, 56,6% no Paraná e 27,5% em Santa Catarina.

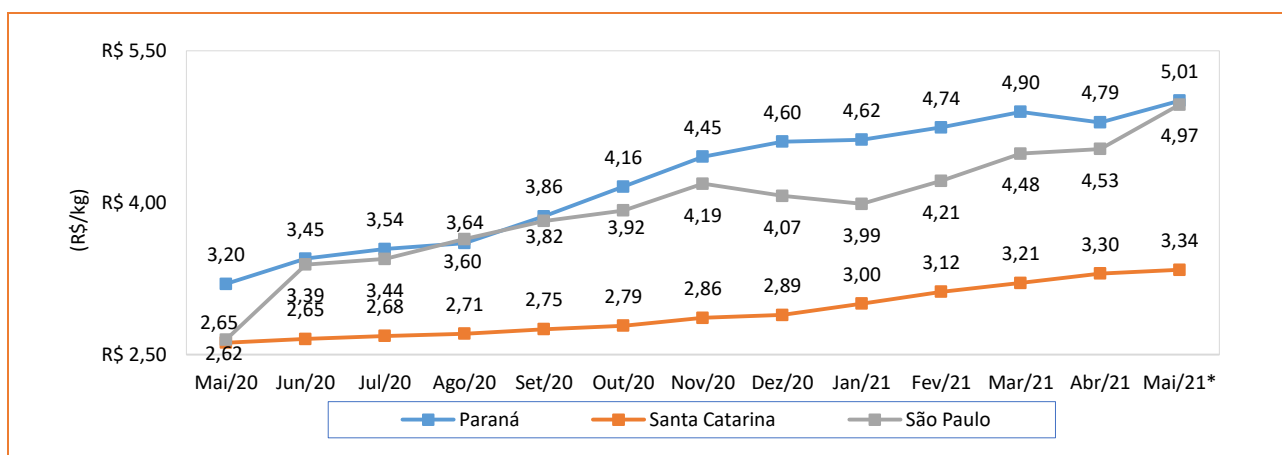


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, Paraná e São Paulo: preço médio mensal aos avicultores (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mai./2021.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR); IEA (SP).

Em Santa Catarina, observou-se variação de 1,5% nos preços preliminares de maio em relação ao mês anterior em duas praças de levantamento: Sul Catarinense e Chapecó. Em Joaçaba o preço manteve-se inalterado.

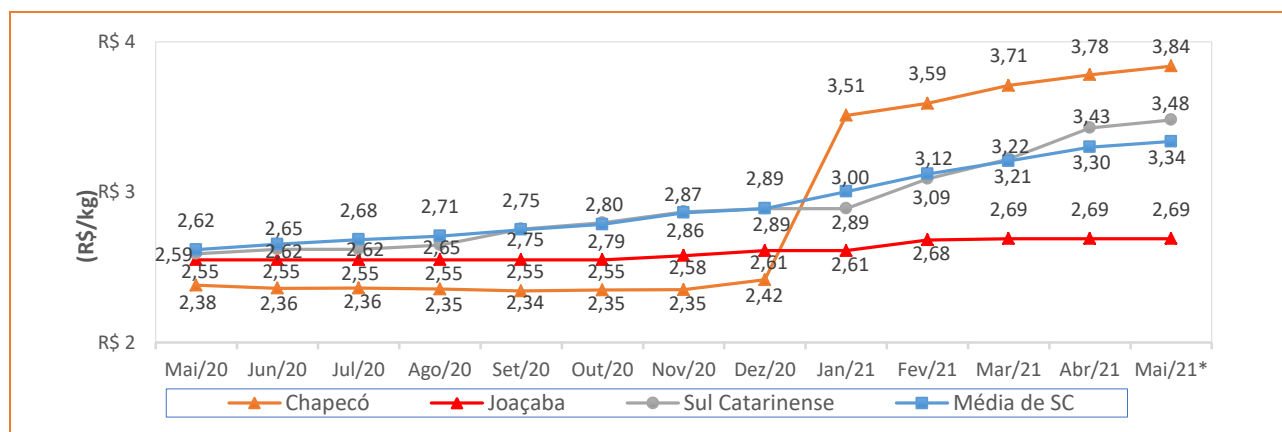


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mai./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Assim como no caso do frango vivo, nas duas primeiras semanas de maio observaram-se altas nos preços de atacado acompanhados pela Epagri/Cepa, quando comparados ao mês anterior: coxa/sobrecoxa congelada (5,1%), filé de peito congelado (2,3%), peito com osso congelado (1,6%) e frango inteiro congelado (0,8%). A variação média foi de 2,4%.



Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mai./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se comparam os valores preliminares de maio com aqueles registrados no mesmo mês de 2020, verifica-se que todos os cortes apresentaram variações positivas expressivas: peito com osso (41,7%), coxa/sobrecoxa (34,1%), filé de peito (31,0%) e frango inteiro (24,2%). A variação média no período foi de 32,8%.

Custos

Depois de uma pequena queda em março (-0,7%), em abril o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango) voltou a registrar alta. De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, a alta em relação ao mês anterior foi de 2,8%. Com isso, a variação acumulada nos últimos 12 meses foi de 39,8%, impulsionada principalmente pelo aumento dos custos com nutrição (33,9%). A alta acumulada no ano é de 14,1%.

Esse cenário é decorrente, em grande parte, da elevação nos preços dos grãos ao longo dos últimos meses. Ainda segundo a Embrapa, a alimentação representou cerca de 75% dos custos de produção do frango em abril. Levando em consideração que aproximadamente 65% a 75% da ração é composta por milho, evidencia-se que esse produto é um dos principais responsáveis pelas altas recentes.

A relação de equivalência insumo-produto, que registrou um salto de 10,8% em abril, voltou a subir nas duas primeiras semanas de maio. Até o momento, a alta em relação ao mês anterior é de 2,4%, principalmente em função do aumento de 3,9% no preço de atacado do milho, parcialmente compensado pela elevação no preço do frango vivo (1,5%). Na comparação com maio de 2020, o valor atual da relação de equivalência registra alta de 59,3%.

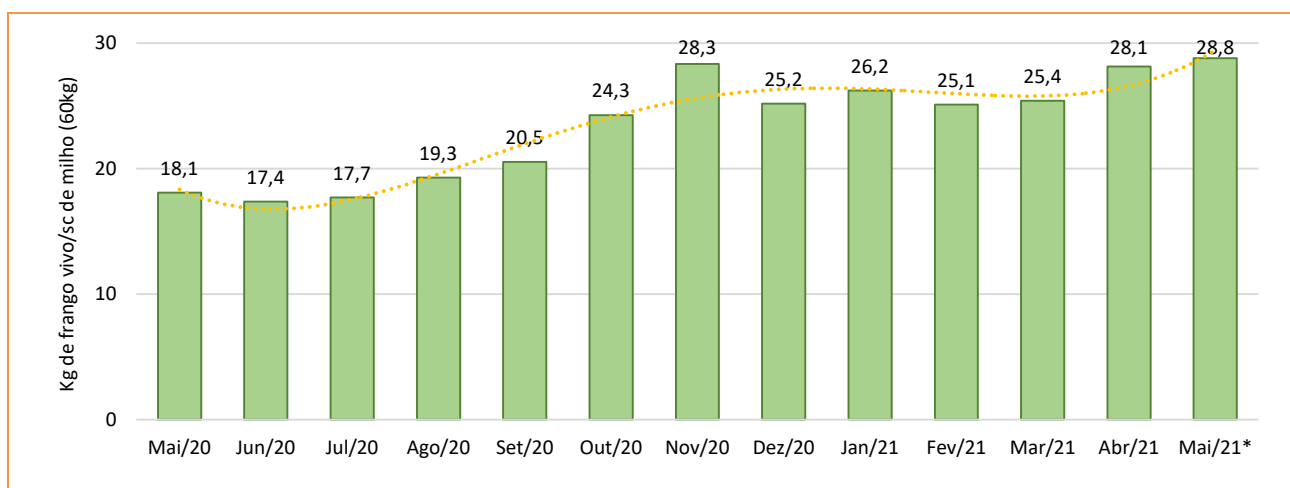


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho
Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC.

* O valor de maio é preliminar, relativo ao período de 1 a 14/mai./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Essa elevação na relação de equivalência insumo-produto significa que em maio de 2020 o avicultor precisava de pouco mais de 18kg de frango vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho (levando em consideração o preço de atacado). Já em maio deste ano, são necessários quase 29kg de frango para adquirir o mesmo produto.

Comércio exterior

Em abril, o Brasil exportou **385,25 mil toneladas** de carne de frango (*in natura e industrializada*), alta de **0,3%** em relação ao mês anterior e de **15,6%** na comparação com abril de 2020. As receitas foram de **US\$ 598,01 milhões**, elevação de **1,5%** em relação a março e de **18,2%** na comparação com abril do ano passado.

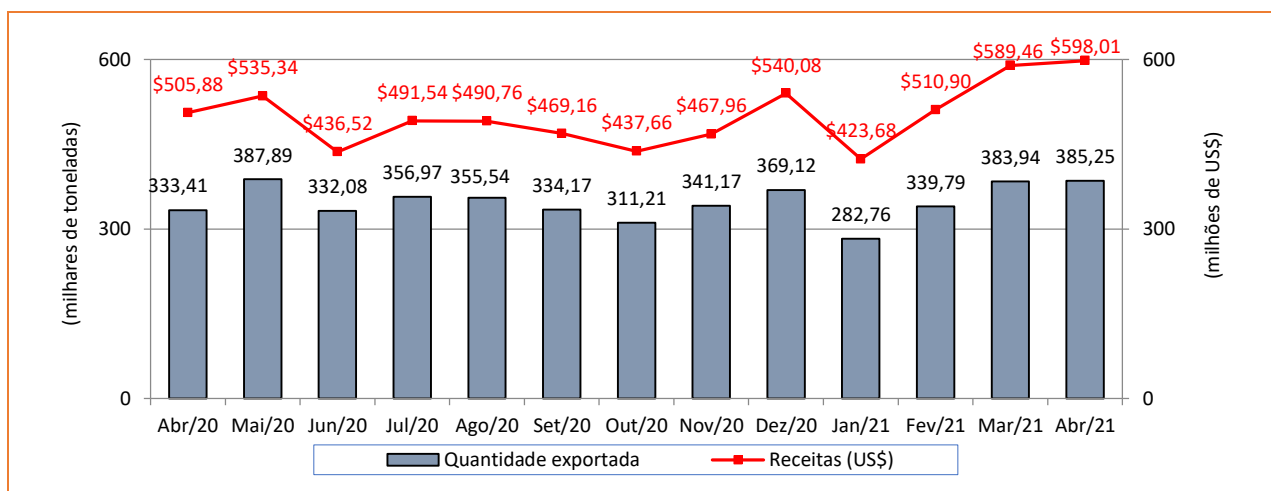


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

No acumulado do 1º quadrimestre, o país exportou **1,39 milhão de toneladas**, com receitas de **US\$2,12 bilhões**, alta de **4,1%** em quantidade e de **0,1%** em valor, na comparação com mesmo período do ano passado.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango até o momento foram China, Arábia Saudita, Japão, Emirados Árabes Unidos e Países Baixos, responsáveis por 52,2% das receitas do período.

Santa Catarina exportou **84,14 mil toneladas** de carne de frango em abril (*in natura* e industrializada), o que representa queda de **0,6%** em relação ao mês anterior, mas alta de **12,0%** na comparação com abril de 2020. As receitas foram de **US\$138,76 milhões**, queda de **0,1%** em relação ao mês anterior, mas crescimento de **13,6%** na comparação com abril de 2020.

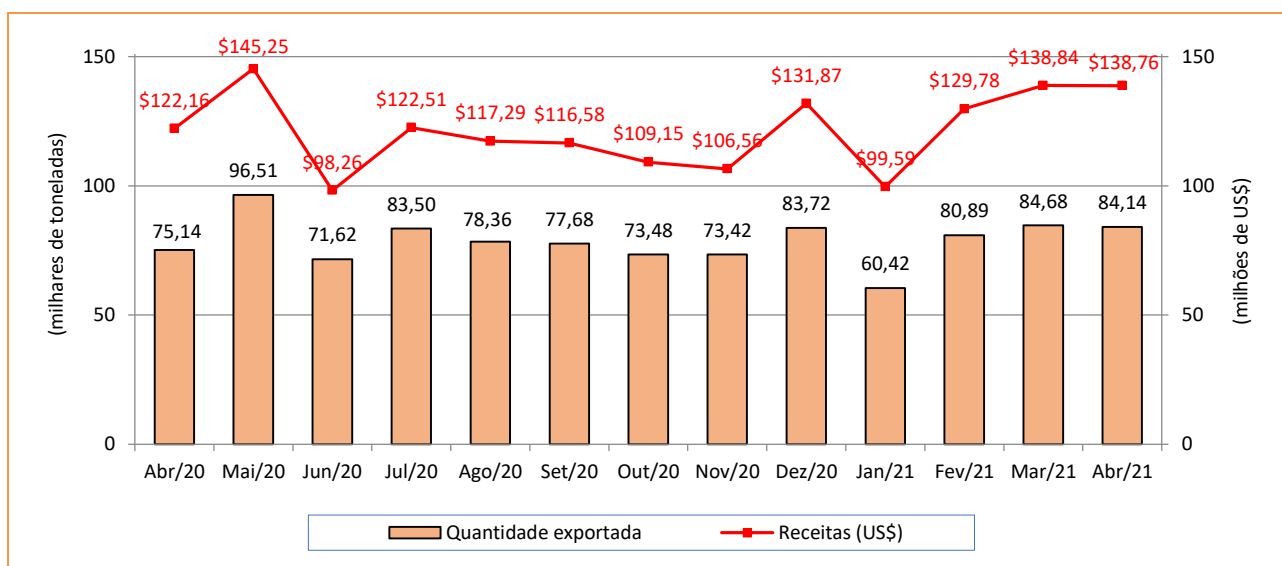


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

Não obstante as variações negativas quando se comparam os dois últimos meses, é necessário levar em consideração que março teve 23 dias úteis, enquanto abril teve apenas 20, o que afeta os resultados mensais.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado em abril foi de **US\$ 1.587/tonelada**, alta de **2,0%** em relação ao mês anterior e de **1,0%** na comparação com abril de 2020.

No acumulado do 1º quadrimestre, Santa Catarina exportou **310,12 mil toneladas**, com receitas de **US\$506,97 milhões**, quedas de **5,1%** e **7,8%**, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado. O estado foi responsável por **23,9%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango este ano.

A Tabela 1 apresenta os cinco principais destinos do frango catarinense no 1º quadrimestre, os quais responderam por 55,7% das receitas e 50,1% da quantidade exportada pelo estado no período.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º quadrimestre/2021

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	85.506.320,00	47.979
China	59.721.899,00	34.547
Países Baixos (Holanda)	49.638.464,00	22.273
Arábia Saudita	46.204.595,00	25.105
Emirados Árabes Unidos	41.063.678,00	25.536
Demais países	224.839.341,00	154.680
Total	506.974.297,00	310.120

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos, seis registraram variação negativa nas receitas do 1º quadrimestre quando comparadas ao mesmo período de 2020, com destaque para Japão (-9,6%) e China (-28,2%), os dois principais compradores do frango catarinense, o que, em grande parte, explica os resultados negativos do período. Quanto às variações positivas, destacam-se os resultados observados nas exportações para Países Baixos (7,6%) e Arábia Saudita (10,7%).

Contudo, na primeira semana de maio a Arábia Saudita anunciou a suspensão da aquisição de carne de frango oriunda de onze plantas de abate brasileiras. O país não deu maiores explicações sobre as razões que motivaram tal medida. Uma das unidades está localizada em Santa Catarina, no município de Ipumirim. Essa medida pode afetar as exportações brasileiras e catarinenses, num momento em que os embarques para os sauditas apresentavam recuperação.

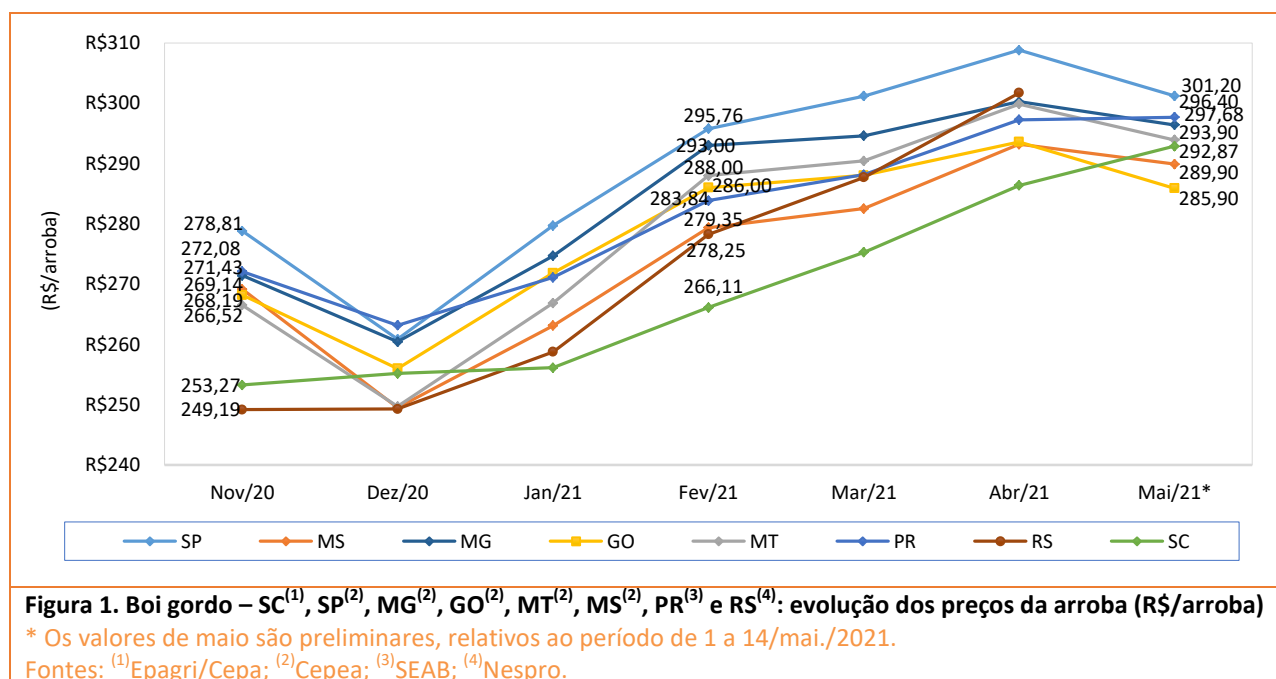
Outra medida dos sauditas que pode afetar as exportações é a decisão daquele país de reduzir o prazo de validade de frangos *in natura* congelados e seus cortes, de um ano para três meses, contados da data de abate. A demanda foi apresentada pela autoridade sanitária da Arábia Saudita, a Saudi Food and Drug Authority (SFDA), ao Comitê de Medidas Sanitárias e Fitossanitárias da Organização Mundial do Comércio (OMC) em 6 de maio. Os países membros da OMC potencialmente afetados têm o prazo de 60 dias, a partir da data de notificação da Arábia Saudita, para apresentar comentários e questionamentos.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Diferentemente do que vinha sendo observado desde o final do ano passado, nas duas primeiras semanas de maio predominou o movimento de queda nos preços do boi gordo na maioria dos estados analisados no âmbito deste boletim, na comparação com o mês anterior: -2,6% em Goiás, -2,5% em São Paulo, -2,0% no Mato Grosso, -1,3% em Minas Gerais e -1,1% no Mato Grosso do Sul. No Paraná, o preço ficou praticamente estável no período, com elevação de apenas 0,1%, enquanto Santa Catarina registrou alta de 2,5%. Até a finalização do presente boletim, não haviam sido divulgados os preços do Rio Grande do Sul referentes ao mês corrente.



Não obstante os resultados anteriormente apresentados, na comparação entre os valores atuais e aqueles praticados em maio de 2020, observam-se diferenças expressivas em todos os estados: 70,5% no Mato Grosso, 66,4% no Mato Grosso do Sul, 63,9% no Paraná, 61,5% em Goiás, 58,2% em Minas Gerais, 57,9% em São Paulo e 56,3% em Santa Catarina.

Em Santa Catarina, as duas praças de referência do boi gordo, Chapecó e Lages, apresentaram alta de 7,1% na comparação entre os preços preliminares das duas primeiras semanas de maio e o mês anterior. Em relação a maio de 2020, as altas são expressivas em ambas: 67,2% em Lages e 53,4% em Chapecó.

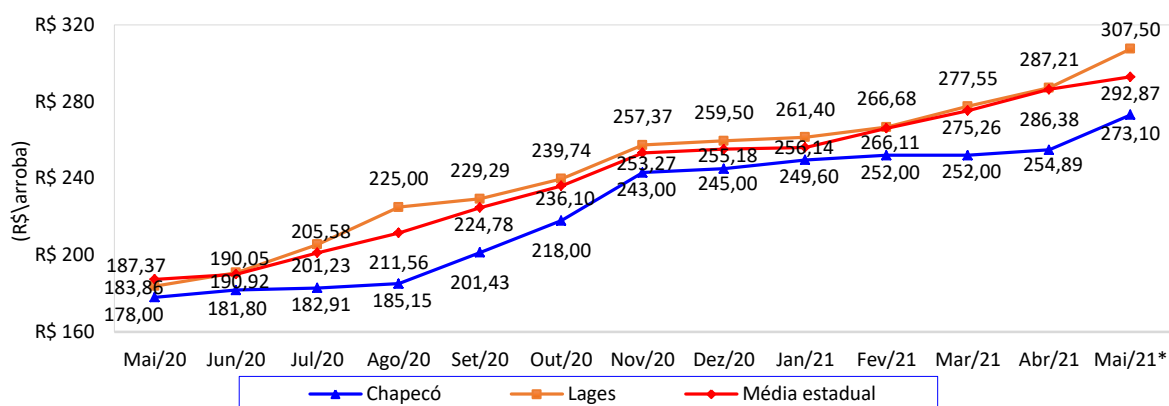


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mai./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços de atacado da carne bovina, mais uma vez, mantiveram o movimento de alta que vem sendo observado desde meados do ano passado. Em relação a abril, os valores preliminares de maio apresentaram altas de 3,0% para a carne bovina de dianteiro e de 3,6% para a carne bovina de traseiro, com média de 3,3%. No ano, a alta média acumulada é de 14,0%.

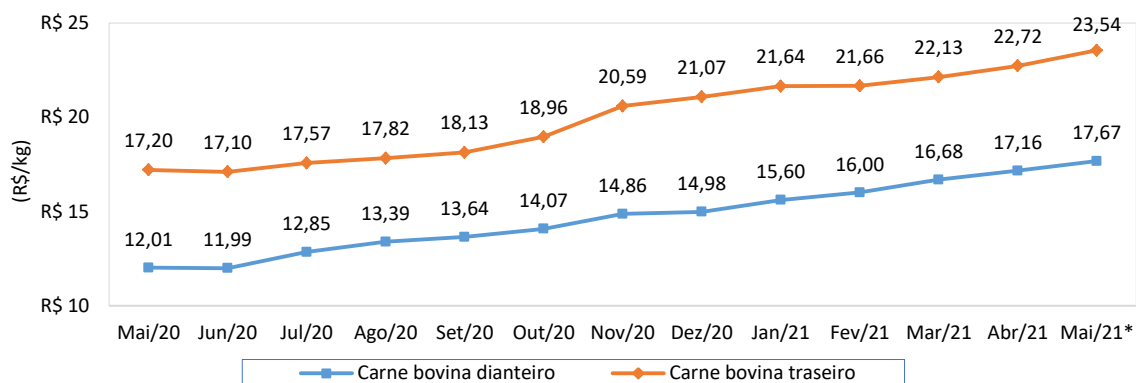


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mai./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na comparação entre os valores atuais e aqueles praticados em maio de 2020, verificam-se altas de 47,1% para a carne de dianteiro e 36,9% para a carne de traseiro, média de 42,0%. As altas mais significativas ocorreram nos cortes de dianteiro, que, em geral, possuem preços menores que os cortes de traseiro. Isso é reflexo da maior procura por carnes mais baratas, dada a queda na renda da maioria dos consumidores.

Custos

Nas duas primeiras semanas de maio, os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina mantiveram a tendência de alta observada desde meados do ano passado. Na comparação com abril, os aumentos foram de 6,0% para os bezerros de até 1 ano e 4,7% para os novilhos de 1 a 2 anos. Vale destacar que em abril já haviam sido registradas elevações bastante significativas no dois casos. Na média das duas categorias, as altas acumuladas no ano são de 32,0%. Em relação a maio de 2020, as variações são ainda mais expressivas: 69,7% para os bezerros e 66,2% para os novilhos.

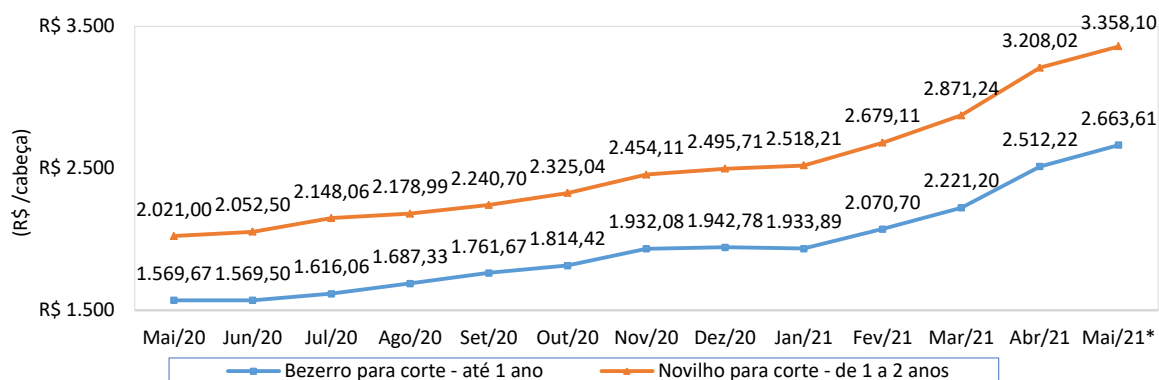


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mai./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em abril, o Brasil exportou **151,78 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), o que representa **4,1%** menos que no mês anterior, mas **12,2%** acima do montante embarcado em abril de 2020. As receitas foram de **US\$705,32 milhões**, queda de **0,8%** em relação ao mês anterior e alta de **22,5%** na comparação com abril de 2020.

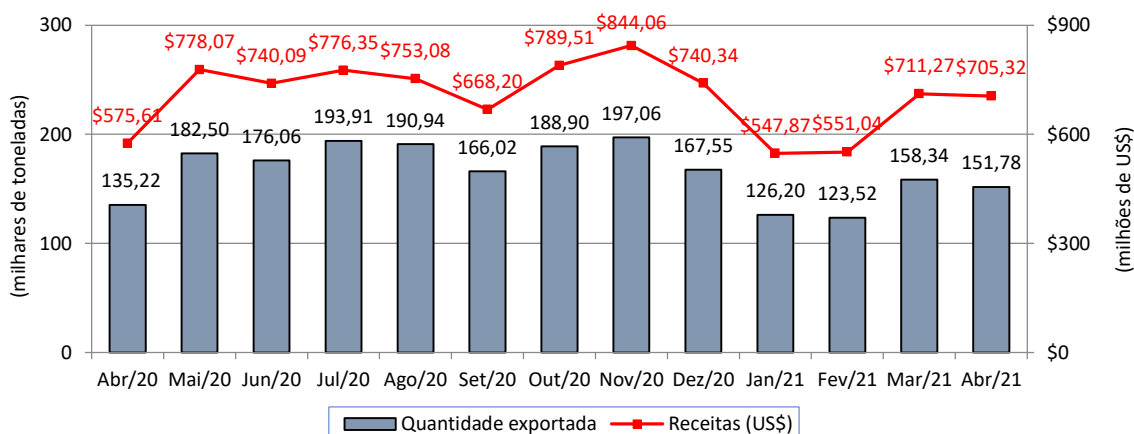


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada em abril foi de **US\$ 4.766/tonelada**, alta de **3,3%** em relação ao mês anterior e de **9,0%** na comparação com abril de 2020.

No 1º quadrimestre, o Brasil exportou **559,84 mil toneladas** de carne bovina, com **US\$2,52 bilhões** em receitas, aumento de **2,1%** e **5,3%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020. China e Hong Kong responderam por 58,7% das receitas brasileiras com as exportações desse produto no ano.

Dentre os dez principais destinos da carne bovina brasileira, seis apresentaram variações positivas nas receitas do 1º quadrimestre, com destaque para China (14,0%), Estados Unidos (140,5%) e Filipinas (101,6%). A queda mais relevante registrada foi para Hong Kong (-7,7%), segundo principal comprador.

Santa Catarina exportou **384 toneladas** de carne bovina em abril, com faturamento de **US\$1,29 milhão**, altas de 49,6% e de 30,5%, respectivamente, em relação a abril de 2020. No acumulado do ano, o estado embarcou **1,08 mil toneladas**, com receitas de **US\$3,87 milhões**, variações de -2,5% e 16,6%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano anterior.

Suínocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

A partir de dezembro do ano passado, passou a ser observada tendência de queda nos preços dos suínos

vivos na maioria dos estados produtores, principalmente em decorrência da retração nas exportações e do consumo aquém do esperado para o período. Tal cenário, somado à significativa alta nos custos de produção, resultou em prejuízos para a maioria dos produtores independentes, colocando em risco a manutenção da atividade.

Nas duas primeiras semanas de maio, contudo, registraram-se variações positivas em todos os estados analisados, como demonstra a Figura 1. Essa melhoria é, em grande medida, decorrente do crescimento das exportações, como veremos adiante. Resta saber se essa alta recente será

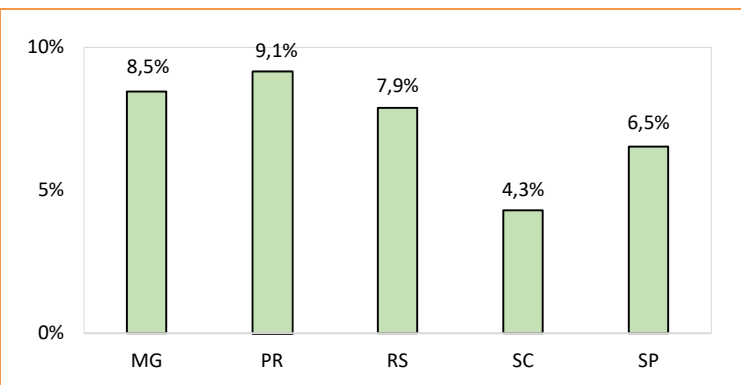


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (abril/mayo de 2021*)

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mai./2021.

duradoura ou apenas transitória, como já observado em outros momentos ao longo dos últimos meses.

Apesar da tendência de queda predominante ao longo do primeiro quadrimestre deste ano, na comparação entre os preços atuais e aqueles praticados em maio de 2020, observam-se variações positivas bastante expressivas em todos os estados analisados: 86,9% no Rio Grande do Sul, 80,3% no Paraná, 72,6% em São Paulo, 59,8% em Minas Gerais e 50,8% em Santa Catarina.

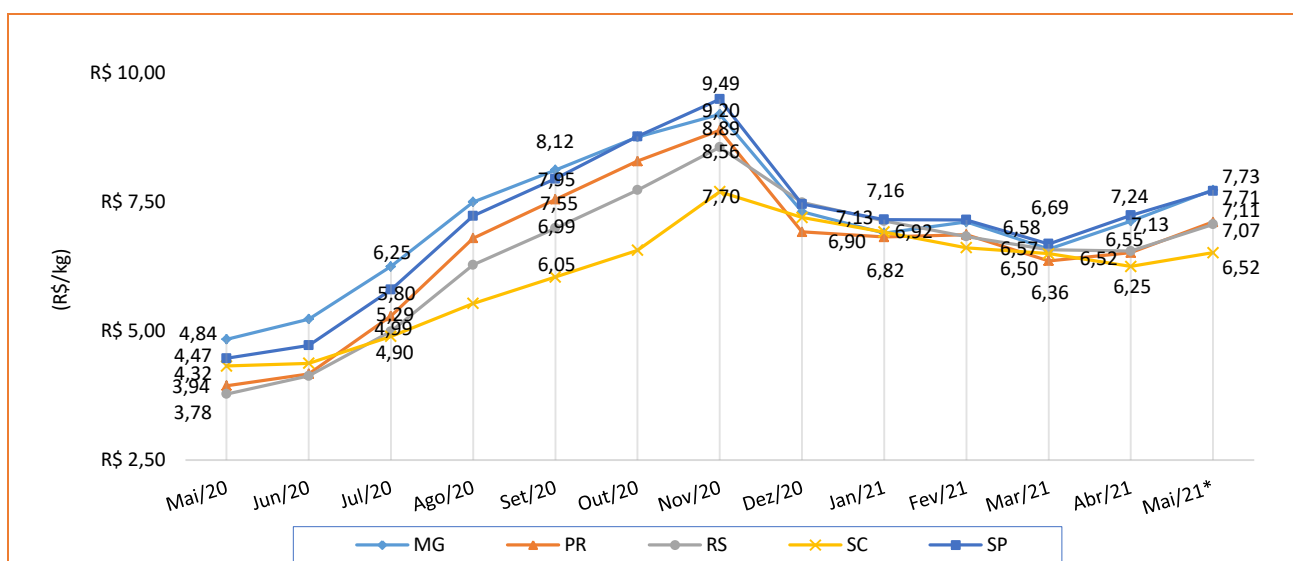


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mai./2021.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

É importante lembrar que, em maio de 2020, os preços dos suínos vivos ainda estavam sob efeito do impacto inicial da pandemia de Covid-19, que afetou o consumo e as exportações de carne suína, resultando em quedas abruptas nos preços ao produtor.

Em Chapecó, praça de referência para o suíno vivo em Santa Catarina, os valores preliminares das duas primeiras semanas de maio apresentaram altas em relação ao mês anterior: 5,8% para os produtores independentes e 4,2% para os integrados. Na comparação com maio de 2020, registraram-se altas de 50,4% para os independentes e 42,5% para os integrados.

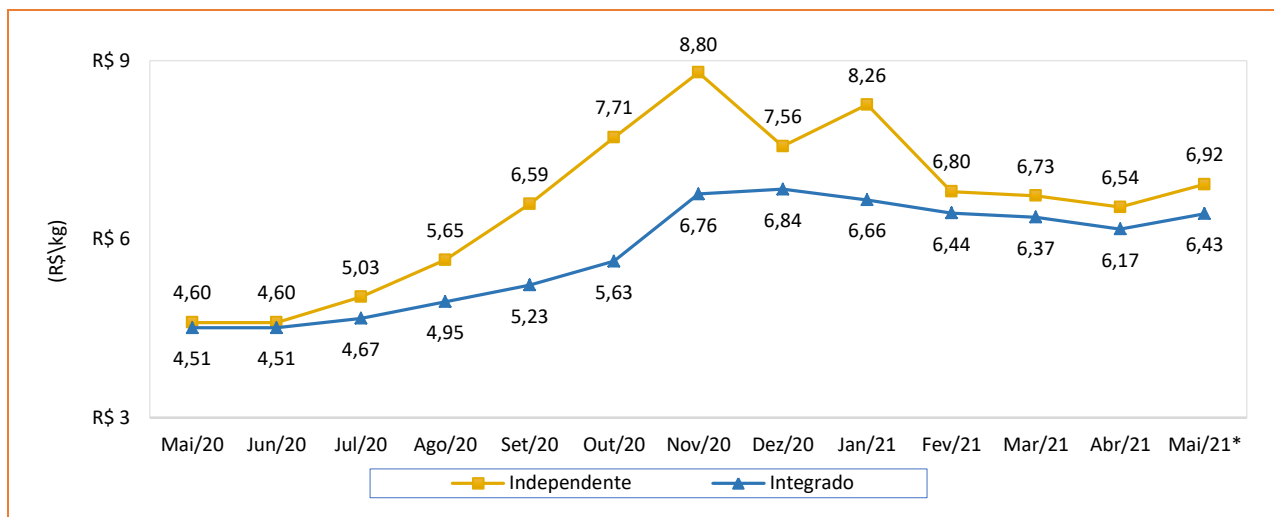


Figura 3. Suíno vivo – Chapecó/SC: preço médio mensal para produtor independente e produtor integrado

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mai./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Da mesma forma que no caso dos preços ao produtor, no atacado predominaram preços em alta, depois de alguns meses com tendência de queda. De acordo com o levantamento da Epagri/Cepa, nas duas primeiras semanas de maio todos os corte analisados apresentaram alta em relação ao mês anterior: carcaça (15,0%), costela (7,3%), pernil (6,3%), carré (2,0%) e lombo (1,2%). A variação média dos cinco cortes foi de 6,3%. No ano, ainda acumula-se queda de 5,6%.

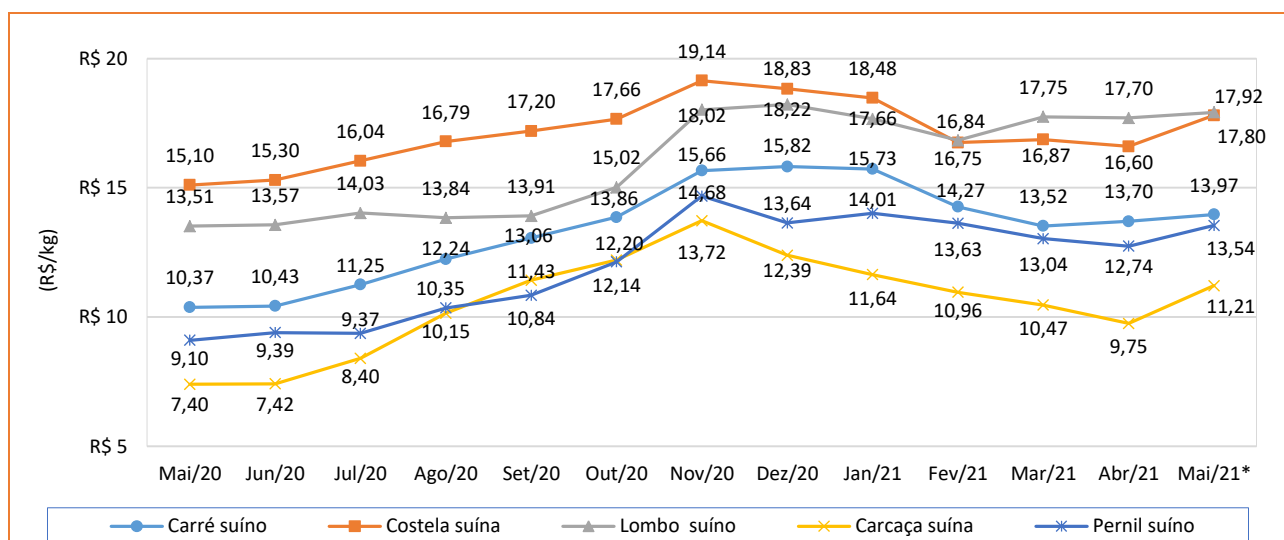


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mai./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se comparam os valores preliminares de maio e o mesmo mês de 2020, as variações são positivas em todos os cortes: carcaça (51,6%), pernil (48,8%), carré (34,6%), lombo (32,6%) e costela (17,9%). Em média, a alta foi de 37,1%.

Custos

Segundo a Embrapa Suínos e Aves, em abril, o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina foi de R\$7,03/kg de peso vivo. Com isso, o Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno), que havia registrado pequena queda em março (-0,1%), voltou a apresentar alta de 2,3% em abril, na comparação com o mês anterior. Nos últimos doze meses, a alta foi de 44,6%, impulsionada principalmente pela elevação dos custos com nutrição (39,0%). A elevação acumulada no primeiro quadrimestre deste ano foi de 7,1%.

Tais variações são decorrentes, em grande medida, da elevação nos preços dos grãos ao longo dos últimos meses. Conforme aponta a Embrapa, a alimentação representou cerca de 82% dos custos de produção dos suínos em abril. Levando-se em consideração que cerca de 70% a 80% da ração é composta por milho, evidencia-se que esse produto é um dos principais responsáveis por esse cenário.

Depois de quedas consecutivas nos primeiros meses do ano, os preços dos leitões voltaram a apresentar altas nas primeiras semanas de maio, quando comparados a abril. Os leitões de 6 a 10kg registraram alta de 2,1%, enquanto o preço dos leitões de aproximadamente 22kg subiu 1,7%. Na comparação com as médias de maio de 2020, registram-se variações positivas e expressivas em ambos os casos: 40,7% para os leitões de 6 a 10kg e 40,2% para os leitões de aproximadamente 22kg.

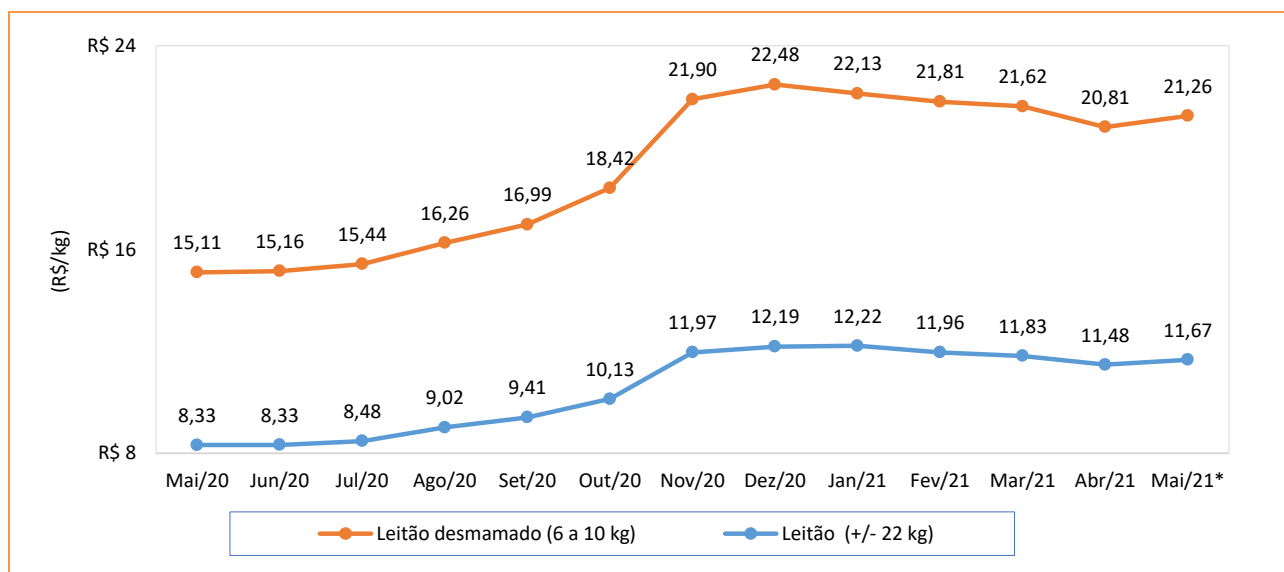


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mai./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

A relação de equivalência insumo-produto, por sua vez, interrompeu a trajetória de alta que era observada desde janeiro deste ano. O índice das primeiras semanas de maio apresenta queda de 1,0% em relação ao mês anterior. Essa variação deve-se à elevação no preço do suíno vivo na praça de Chapecó (5,0%), superior à alta do milho na mesma praça. Contudo, vale destacar que em abril a elevação na relação de troca foi bastante expressiva: 16,4%. Além disso, o valor atual está 54,0% acima daquele registrado em maio de 2020.

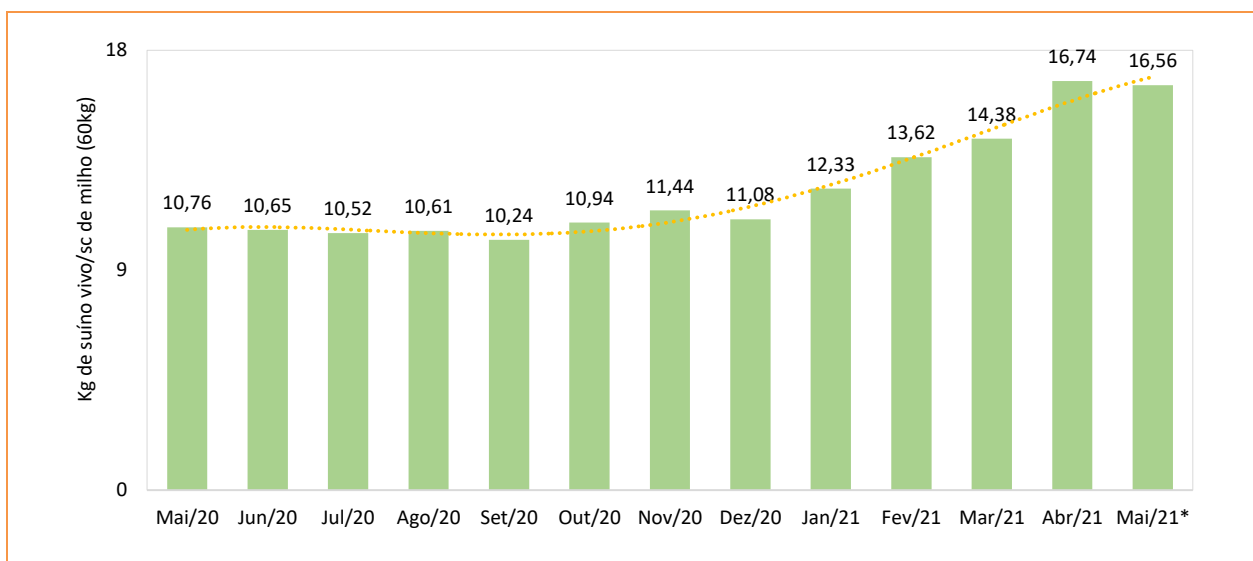


Figura 6. Suíno vivo – Chapecó/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC.

* O valor de maio é preliminar, relativo ao período de 1 a 14/mai./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Conforme demonstra a relação de equivalência, em maio de 2020 o suinocultor precisava de 18,8kg de suíno vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho (preço de atacado). Já em maio deste ano, ele necessita desembolsar o valor equivalente a 16,6kg de suíno para adquirir o mesmo produto.

Comércio exterior

Em abril, o Brasil exportou **96,86 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), **10,0%** menos que no mês anterior, mas alta de **35,6%** em relação a abril de 2020. As receitas foram de **US\$230,61 milhões**, queda de **11,2%** em relação ao mês anterior, mas crescimento de **40,7%** na comparação com abril de 2020.

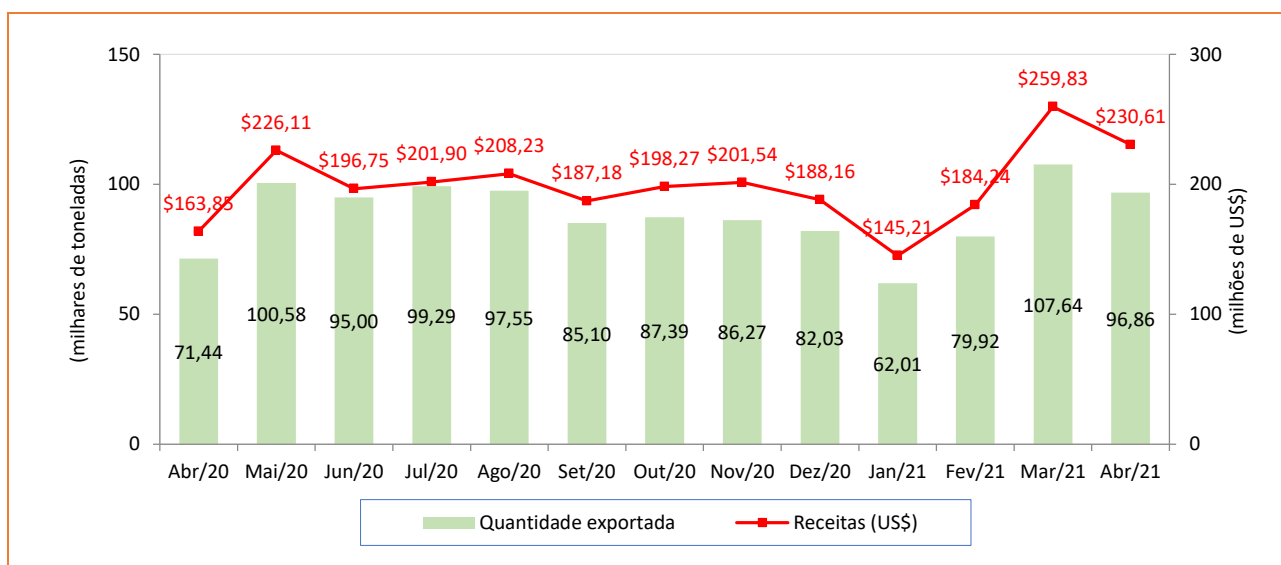


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

No 1º quadrimestre, o Brasil exportou **346,44 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$819,89 milhões**, altas de **25,1%** e **26,9%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne suína em 2021 são China, Hong Kong, Chile, Singapura e Uruguai, responsáveis por 84,8% das receitas no período. China e Hong Kong respondem por 71,0% do total.

Santa Catarina exportou **50,14 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em abril, **10,0%** menos que no mês anterior, mas **41,7%** acima de abril de 2020. As receitas, por sua vez, foram de **US\$123,72 milhões**, queda de **10,6%** em relação ao mês anterior, mas crescimento de **54,1%** na comparação com abril de 2020.

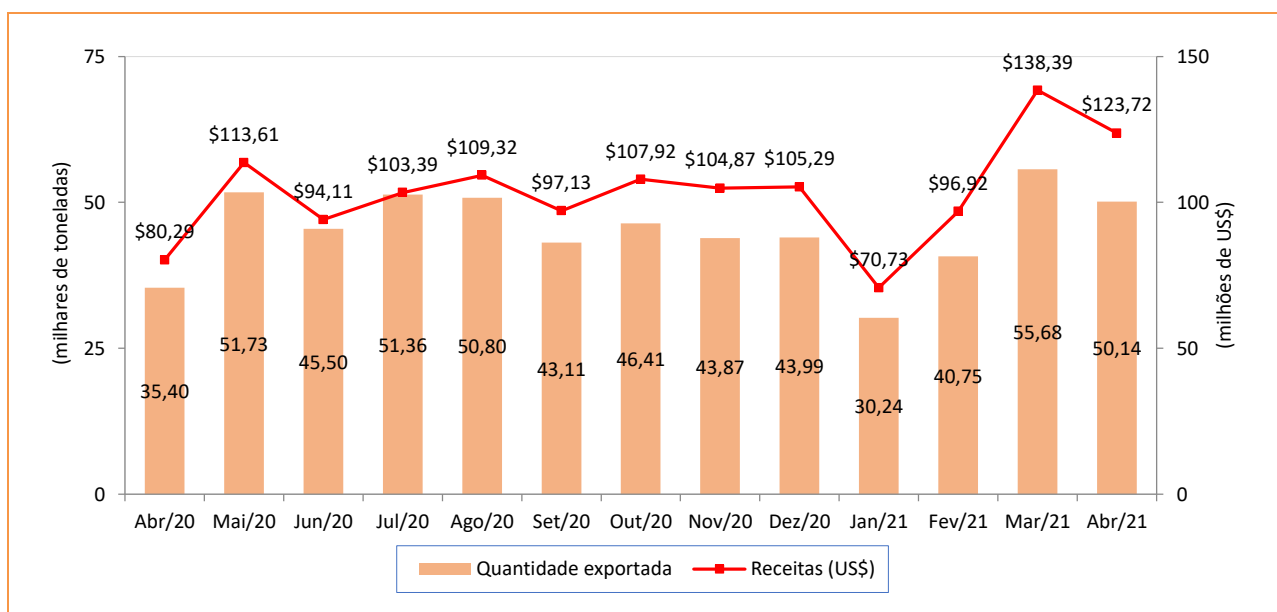


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

Apesar da queda registrada na comparação entre os dois últimos meses, vale destacar que, em termos de receitas, o resultado de abril representa o segundo maior valor mensal já exportado pelo estado, ficando atrás apenas de março passado. Em termos de quantidade, abril registrou o quinto melhor desempenho da série histórica iniciada em 1997. Além disso, é importante lembrar que abril teve apenas 20 dias úteis, contra 23 dias úteis do mês de março.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em abril foi de **US\$ 2.563/tonelada**, queda de **0,1%** em relação ao mês anterior, mas alta de **7,3%** na comparação com abril de 2020.

No 1º quadrimestre, o estado exportou **176,81 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$429,76 milhões**, altas de **20,6%** e **27,1%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020. Santa Catarina respondeu por **52,4%** das receitas e **51,0%** do volume de carne suína exportada pelo Brasil até o momento.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 88,2% das receitas do 1º quadrimestre. China e Hong Kong responderam por 70,1%.

Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º quadrimestre/2021

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	275.088.793,00	110.646
Chile	50.840.509,00	20.392
Hong Kong	26.174.833,00	12.883
Argentina	13.999.032,00	4.885
Japão	13.017.651,00	3.111
Demais países	50.642.939,00	24.892
Total	429.763.757,00	176.809

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos da carne suína catarinense, cinco apresentaram variações positivas nas receitas do 1º quadrimestre em relação ao mesmo período de 2020, com destaque para China (39,7%), Chile (92,2%), Argentina (43,9%) e Filipinas (430,9%). Por outro lado, a variação negativa mais relevante foi observada nos embarques para Hong Kong (-26,4%).

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção recebida pelas indústrias

No dia 12 de maio, o IBGE divulgou os “primeiros resultados” da Pesquisa Trimestral do Leite, com a quantidade de leite cru adquirida pelas indústrias inspecionadas do Brasil nos três primeiros meses de 2021 (Tabela 1).

Tabela 1. Leite cru – Brasil: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas						
Mês	Bilhão de litros					Var. %
	2017	2018	2019	2020	2021	2020-21
Janeiro	2,101	2,161	2,207	2,269	2,330	2,7
Fevereiro	1,833	1,890	1,933	2,063	2,034	-1,4
Março	1,928	1,968	2,055	2,106	2,160	2,6
1º trimestre	5,862	6,019	6,195	6,438	6,524	1,3
Abril	1,812	1,873	1,911	1,963		
Maio	1,907	1,734	1,975	1,950		
Junho	1,929	1,872	1,974	1,940		
Julho	2,058	2,036	2,075	2,134		
Agosto	2,118	2,120	2,128	2,190		
Setembro	2,103	2,100	2,081	2,165		
Outubro	2,141	2,222	2,203	2,220		
Novembro	2,154	2,210	2,186	2,207		
Dezembro	2,250	2,271	2,283	2,321		
Total anual	24,334	24,457	25,011	25,528		

2020: dados preliminares e 1º trimestre/21: primeiros resultados.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Em junho, o IBGE divulgará essa mesma pesquisa com dados das unidades da federação, quando possivelmente serão alterados alguns números desses primeiros resultados mensais de âmbito nacional. É improvável, contudo, que venha a alterar de forma significativa esse crescimento de apenas 1,3% na quantidade adquirida no primeiro trimestre de 2021, em relação ao mesmo período de 2020.

Embora não tenha a mesma metodologia e abrangência da Pesquisa Trimestral do Leite/IBGE, o Índice de Captação de Leite Cepea⁵ (ICAP-L/Cepea) apresenta números muito distantes desses da pesquisa do IBGE, indicando que no primeiro trimestre de 2021 o volume de leite captado foi 5,2% superior ao do primeiro trimestre de 2020.

Balança comercial de lácteos

No mês de abril, a quantidade de lácteos importada pelo Brasil (7,31 milhões de quilos) foi pouco mais que a metade das importações de março (14,35 milhões de quilos). Consideradas as importações mensais dos últimos dez anos (2012-2021), em apenas três meses de 2014 (fevereiro a abril) e em abril de 2020 a quantidade importada foi inferior aos 7,31 milhões de quilos importados no mês passado. No caso das

⁵ O ICAP-L/Cepea objetiva registrar as variações nos volumes captados nos estados da amostra: RS, SC, PR, SP, MG, GO e BA. Esse índice é elaborado mensalmente, com base em amostragem, comparando-se os volumes diários captados em cada estado. Em seguida, é calculada a média nacional. A participação de cada estado varia mensalmente com base em informações do IBGE quanto ao volume produzido em cada unidade da federação no ano anterior. Fonte: Cepea.

exportações, embora nos últimos dez anos não tenha sido tão excepcional o Brasil alcançar quantidades mensais superiores a esses 4,27 milhões de quilos exportados em abril, a última vez que isso havia ocorrido foi em novembro de 2017. A combinação de redução nas importações e crescimento nas exportações resultou em um saldo comercial bem menos negativo do que tem sido comum ao longo dos últimos anos (Tabela 2).

Tabela 2. Balança comercial brasileira de lácteos

Mês	Milhão de quilos								
	Importações			Exportações			Saldo		
	2019	2020	2021	2019	2020	2021	2019	2020	2021
Janeiro	13,65	10,58	17,83	1,61	2,86	2,36	-12,04	-7,72	-15,46
Fevereiro	16,05	8,80	15,15	2,33	1,79	1,77	-13,72	-7,02	-13,38
Março	10,69	9,38	14,35	2,90	2,54	2,77	-7,79	-6,84	-11,58
Abril	10,86	6,00	7,31	1,66	1,81	4,27	-9,20	-4,19	-3,04
Maio	13,73	7,52		1,95	2,35		-11,78	-5,18	
Junho	10,95	8,42		1,61	2,16		-9,34	-6,27	
Julho	9,95	12,59		1,80	2,66		-8,15	-9,93	
Agosto	9,86	17,99		1,89	2,72		-7,97	-15,27	
Setembro	12,76	22,83		2,04	2,43		-10,72	-20,40	
Outubro	9,78	22,13		1,96	2,68		-7,82	-19,45	
Novembro	10,83	22,95		2,07	2,52		-8,75	-20,43	
Dezembro	10,24	22,44		1,96	2,54		-8,27	-19,90	
Total	139,34	171,63		23,78	29,04		-115,55	-142,59	

Fonte: Ministério da Economia - Comex Stat.

Preços

A exemplo do que houve em março, o Conseleite/SC sinalizou nova elevação no preço de referência projetado para o mês de abril (Tabela 3).

Tabela 3. Leite padrão – Santa Catarina: preços de referência do Conseleite

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso				Variação (%)	
	2018	2019	2020	2021	2019-20	2020-21
Janeiro	0,9695	1,1659	1,2273	1,6020	5,3	30,5
Fevereiro	1,0128	1,2309	1,2342	1,5218	0,3	23,3
Março	1,0857	1,1957	1,2974	1,5699	8,5	21,0
Abril	1,1295	1,2185	1,3192	1,5844	8,3	20,1
Maio	1,1522	1,2535	1,3091		4,4	
Junho	1,3454	1,2036	1,5176		26,1	
Julho	1,4050	1,1560	1,5588		34,8	
Agosto	1,2997	1,1918	1,7288		45,1	
Setembro	1,2582	1,1767	1,7994		52,9	
Outubro	1,2351	1,1516	1,7075		48,3	
Novembro	1,1358	1,1779	1,6703		41,8	
Dezembro	1,1228	1,2227	1,7121		40,0	
Média anual	1,1793	1,1954	1,5068		26,1	

Abril/2021: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

Como já ocorrera em março, apesar da elevação, esse preço projetado para abril ficou aquém da expectativa dos agentes da cadeia produtiva. A reunião do Conseleite/SC de maio está marcada para o dia 27, nela será estabelecido o preço final de abril e projetado o preço de maio (que serve de base para o preço que os produtores receberão em junho). Como os preços de vários lácteos têm aumentado no

mercado atacadista neste mês de maio, o preço de referência projetado para o mês deverá superar o valor final de abril.

Embora ainda não se tenha os preços finais de todas as regiões, os levantamentos da Epagri/Cepa indicam que os preços médios recebidos pelos produtores em maio aumentaram de maneira mais expressiva do que havia ocorrido em abril. Apesar disso, o preço médio do mês de maio ainda ficou abaixo de todos os preços médios mensais de setembro de 2020 a janeiro de 2021. A indexação dos valores mostra que o preço de maio ficou abaixo também dos preços de julho e agosto de 2020 e de fevereiro de 2021 (Tabela 4).

Tabela 4. Leite: Santa Catarina - preço médio⁽¹⁾ aos produtores						
Mês	R\$/l posto na propriedade					
	Nominal			Corrigido (IGP-DI - 04/2021)		
	2019	2020	2021	2019	2020	2021
Janeiro	1,09	1,22	1,94	1,59	1,66	2,08
Fevereiro	1,17	1,26	1,78	1,69	1,71	1,86
Março	1,25	1,29	1,71	1,79	1,72	1,75
Abril	1,27	1,28	1,76	1,80	1,71	1,76
Maio	1,32	1,19	1,83 ⁽²⁾	1,86	1,57	
Junho	1,32	1,31		1,85	1,70	
Julho	1,23	1,50		1,72	1,90	
Agosto	1,19	1,66		1,68	2,03	
Setembro	1,21	1,87		1,70	2,21	
Outubro	1,21	1,95		1,69	2,23	
Novembro	1,19	1,92		1,64	2,14	
Dezembro	1,18	1,97		1,60	2,17	
Média anual	1,22	1,54		1,72	1,90	

⁽¹⁾ Preço médio mais comum, das principais regiões produtoras, no período de pagamento.

⁽²⁾ Média provisória.

Fonte: Epagri/Cepa.